João do Norte
Gustavo Barroso
Da Academia Brasileira de Letras

Livro dos Milagres

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE
1924

LIVRO DOS MILAGRES

OBRAS DO AUTOR

Publicadas:

Terra de Sol — 1912.
A Balata — 1913.
Praias e Varzeas — 1915.
Idéas e Palavras — 1917.
Heróes e Bandidos — 1917.
Tradições Militares — 1918.
Tratado de Paz — 1919.
A Ronda dos Seculos — 1920.
Fausto (trad.) — 1920.
Instrucção Moral e Civica (adopt.) — 1920.
Vocabulario das crianças (idem) — 1920.
Casa de Maribondos — 1921.
Mosquita Muerta — 1921.
Ao Som da Viola — 1921.
Coração da Europa — 1922.
Uniformes do Exercito (com J. W. Rodrigues) — 1922.
Mula Sem Cabeça — 1922.
Pergaminhos — 1922.
Intelligencia das Coisas — 1923.
Alma Sertaneja — 1923.
Antes do Bolschevismo — 1923.
O Sertão e o Mundo — 1923.
Livro dos Milagres — 1924.

No Prelo:

Ramo de Oliveira.
Capacete de Minerva.
Comedias e Proverbios (trad.).
O annel das maravilhas.
No tempo em que os bichos falavam.
Fabulas do Tamanduá.

Em Preparo:

Almas de lama e de aço.
Aquem da Atlantida.
Tição do Inferno.
As mulheres e as lendas.
Rei do sertão.
Tamboeiras.
Quasi...
Relicario byzantino.
Vida e alma de Claudio França.
Candelabro dos sete braços.
Atravez dos folk-lores.
Paginas Perdidas.
Lector, intende!
Pedro Malazarte.
Quando Nosso Senhor andou no mundo...

(JOÃO DO NORTE)
GUSTAVO BARROSO
Da Academia Brasileira de Letras

LIVRO DOS MILAGRES

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
S. PAULO — BELLO HORIZONTE
1924

Para

Nenette

A ESTATUA DE DIANA

Depois que São Geselino prégara naquella cidade maritima, industriosa e rica a palavra de Deus, todos os templos pagãos fôram completamente destruidos. Delles só restavam, nas praças e nas vias publicas, ruinas irreconheciveis. Os fustes de marmore das columnas jaziam esparsos aqui e ali. Raros os pedestaes que inda se erguiam de pé. E os capiteis de bronze trabalhado, ou de pedra esculpida, tinham sido os primeiros vendidos a peso, como velho metal, os segundos levados para a igreja de Santa Maria, que os padres christãos acabavam de construir numa eminencia, dominando a cidade.

Quem precisava duma pedra, para soleira de casa, ou para concertar o bu-

raco dum muro, vinha buscal-a nos restos dos templos, outróra majestosos. Os meninos iam folgar entre elles, quebrando, para se divertirem, as curvas elegantes das volutas, ou os frisos ornamentaes das platibandas. Quando decidiám brincar de soldados e de guerras, partiam aos pedaços o marmore dos acroterios, atirando-os uns nos outros, em galhofa. Os grandes bois pacientes pastavam entre as columnas tombadas e as cabras saltavam alegres sobre os degraus esbeiçados da immensa escadaria coberta de hervas.

Quasi nada lembrava o culto dos deuses antigos naquella cidade outróra florescente e hoje devota e triste, que fôra capital duma provincia romana. São Geselino convertera seu povo: depois, entregára o báculo de pastor a outro sacerdote e partira para o deserto, afim de viver em santidade como S. Simeão, o Estylita. Os deuses Terminus dos limites e dos logradouros municipaes, os

deuses Hortanes e Priapos dos jardins, os deuses Hermes Casmillus das plantações, os Satyros de pedra das fontes, todos tinham sido quebrados a malho e a marrão, arrancados, queimados quando eram de páu, pulverizados quando eram de lióz, de granito, ou de marmore. Delles só restava a lembrança, que se confundia na mente da gente nova com a dos novos heróes e das novas personagens divinas: martyres e santos.

De São Geselino, depois que partira, as noticias eram poucas. Raros viajantes, atravessando os areaes no dorso dos lentos dromedarios, o tinham avistado. Raras caravanas, regressando com marfim e especiarias dos paizes do sul, tinham passado perto do logar onde fazia penitencia. Era, á beira dum oasis, rodeado de tamareiras, que até não ficava muito distante da cidade. Para ali tinha elle feito transportar uma das columnas do maior templo pagão des-

truido, erguel-a de pé e sobre a exigua plataforma do seu capitel subira para nunca mais descer.

Havia já tres annos que ali vivia exposto dia e noite a todas as inclemencias da natureza, rezando, pedindo a Deus o perdão dos homens peccadores. Nem um chapéo ao menos o preservava da ardencia escaldante do sol africano; farrapos immundos mal o defendiam das chuvas, quando raramente cahiam, e do vento rijo do deserto, á noite. Os que passavam deixavam-lhe um resto de comida, e muitos diziam que um falcão lhe levava o manná do céo. Quando fazia escuro, dormia encolhido no alto da columna. Quando fazia luar, ficava ajoelhado, de olhos perdidos na planura immensa, onde os vultos negros das féras passavam e os seus rugidos povoavam a solidão. Os chacáes corriam em bandos. Na linha sinuosa do horizonte enluarado demorava o passo desengonçado das hyenas. E quasi sempre

os grandes leões sensuaes, rodeados de leôas uivantes, vinham coçar-se, esfregando o dorso fulvo, a ronronar formidavelmente, na columna, que estremecia toda.

A sua grande obra na cidade continuava a se engrandecer pelo incessante esforço dos seus successores e a unica lembrança da religião maldita, que fizera os Cesares perseguirem e martyrizarem os christãos, era uma estatua de Diana, de pé sobre uma rocha, olhando o porto commercial. Estâva núa, o que era uma offensa, uma obscenidade aos novos costumes, e tinha á cabeça uma corôa de lagostas entremeadas de algas. Diziam os mais velhos que datava dos gregos, que a denominavam Artemisia Maritima e que lhe attribuiam o poder de proteger os navegantes e os ancoradouros. Uma velha superstição popular prendia-se a ella. Havia mesmo muito christão que, á noite, ás escondidas, ia accender pequena vela aos seus

pés, rogando-lhe trouxesse a porto e salvamento a galera em que viajava uma pessoa querida.

Como muitos dos habitantes da cidade tinham filhos e parentes marinheiros, ás vezes a velha estatua de marmore, coberta de musgos pelos seculos e esverdinhada pelo vento do mar, amanhecia toda rodeada de côtos de vela, depois de ter passado a noite toda circulada de luminarias.

O bispo, para maior gloria do culto christão, dominador e então protegido pelos imperadores, resolveu destruir a figura de Diana, como S. Geselino derruira os templos de Jupiter e de Marte, de Venus e de Vulcano. Um domingo, pela manhã, sahiu da sua basilica, de mitra á cabeça, todo paramentado de rôxo e oiro, baculo em punho, sob o pallio, entre clerigos, cantando um hymno liturgico. Precediam-no muitos fieis adstrictos ás irmandades que lhe sustentavam a egreja, de opas e cirios

accesos, lentamente. Seguiam-no uma cohorte de legionarios mandados pelo pretor e todo o povo da cidade.

A procissão atravessou ruas e praças, em direcção ao porto. Toda a vez que passava deante das ruinas dum dos antigos templos, um padre as espargia de agua benta e o bispo traçava, no ar, recitando fórmulas, com dois dedos unidos, largo signal da cruz.

Deante do molhe, parou, entre o mar e o penhasco sobre que se erguia o vulto nú de Diana. Por sua ordem, como havia mulheres na procissão, tinham-lhe posto uma tanga de fazenda grosseira. Todo o mundo se ajoelhou e pediu a Deus que livrasse a cidade daquelle idolo demoniaco. Depois, os soldados subiram na pedra e amarraram em torno da cintura da estatua longas cordas de linho, cujas pontas atiraram á multidão. Dezenas de homens seguraram em cada uma e começaram a puxar em todos os sentidos. Não aluiram

a Deusa! A velha Artemisia continuava immovel, sobre o penhasco, desafiando-lhes a ira!

Diversos obreiros, armados de escopros e de malhetes, excavaram a juntura do pedestal com a rocha e o povo puxou de novo as cordas. O idolo continuava immovel!

Mandaram-se buscar juntas de bois e parelhas de cavallos. Atrelaram-nas, estugaram-nas com alaridos. Nada!

Os legionarios arrastaram sobre o cáes uma catapulta. Carregaram-na com matacães de granito. E lançaram-nos contra a estatua. Os projectis batiam-lhe na cabeça, nos braços abertos, no corpo, e eram elles que se esfarinhavam de encontro áquelle marmore infernal.

Então, um clerigo trepou sobre a catapulta e gritou para a multidão:

— E' obra do demonio! E' obra do demonio! Ide buscar São Geselino e elle a derrubará. Ide buscal-o!

Alguns homens montaram a cavallo e galoparam para o oasis. O povo cahio de joelhos, orando, e de joelhos ficou até á chegada do santo.

Os mensageiros o encontraram sereno e pensativo ao alto da columna. Contaram-lhe o que se passava na cidade e logo elle desceu, lestamente, apesar de sua edade e de sua fraqueza, pelo fuste abaixo, deixou-se içar para a garupa dum dos cavalleiros e veio com elle.

Quando as gentes fanaticas avistaram as suas barbas immensas, emmaranhadas e côr de ambar, esvoaçando em torno da face murcha e enrugada como velho pergaminho molhado, delirantemente o saudaram.

O Santo esfarrapado ajoelhou-se de costas para a imagem pagã e rezou muito tempo de olhos prégados no céo, que o crepusculo avermelhava. De subito, voltou-se e cravou os seus olhos ardentes como brazas no idolo sobran-

ceiro, que estremeceu todo, como se grande vento o açoitasse.

— Milagre! Milagre! gritaram todos, os padres agitando os cirios, o povo saltando de alegria, os soldados, erguendo os escudos e o proprio bispo, com o baculo vergastando o ar. A estatua, sob o olhar raivoso do Santo, a pouco e pouco se ia pulverizando e dahi a instantes della sómente restava sobre a penha em que a tinha collocado a devoção antiga, um monticulo de pó esbranquiçado.

São Geselino apontou-o ao bispo, dizendo:

— Irmão, mandai-o lançar ao mar.

Virou-se para o cavalleiro que o trouxera e humildemente lhe pedio:

— Irmão, levai-me de novo para a minha penitencia.

O VENTRE DO LADRÃO

São Patricio foi um grande santo. Elle evangelizou os povos rudes da Caledonia e da Hibernia, com uma paciencia inimitavel. E todos os grandes, como todos os pequenos, sempre lhe testemunharam a maior veneração. Uma vez, prégava a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo no palacio do rei da Escocia, deante de toda a côrte e dos guerreiros orgulhosos, envoltos nos seus "plaids" quadriculados e heraldicos, quando o proprio soberano, maravilhado pela eloquencia de suas palavras, se ergueu do throno e veio postar-se ao seu lado, afim de escutal-o mais de perto. São Patricio não o vio naquella apostura e, batendo com a ponteira de ferro do seu bordão de viagem sobre o lagedo,

num transporte de enthusiasmo sacro, prégou no sólo pelo meio o pé do monarcha escocez! Mas, tal era o respeito que a sua vida veneravel e a sua veneravel physionomia imprimiam, que o rei cuidou tivesse o santo feito aquillo de proposito, ferindo-o tão cruelmente, afim de melhor mostrar-lhe que, para ser admittido na fé christã, era necessario supportar as mesmas dôres que o Divino Salvador soffrera. E o soberano intimamente se felicitava de ter tido um dos pés traspassado por um ferro, como Jesus Christo tivera os dois.

Quando São Patricio verificou o que fizera e como era piedoso aquelle monarcha da Caledonia, ficou verdadeiramente maravilhado. E nesse dia não cessou um momento de baptisar aquelles que procuravam a purificação na agua sacramental, nem de abençoar os guerreiros orgulhosos, que a piedade do rei exemplificára.

O santo curou o monarcha das suas

dôres com uma simples oração, e dalli partio, espalhando á face das terras, por entre as populações soffredoras os maiores beneficios. Foi elle quem, pelos seus constantes rogos a Deus e pelos seus meritos, alimpou Escocia e Irlanda de bichos damninhos, de bêstas ferozes e de animaes peçonhentos. Por sua causa, nunca mais se encontraram nos hervanços das planicies cobras venenosas, desappareceram das matas das montanhas as famintas alcateias de lobos, rarearam sobremodo por toda a parte as raposas, e os proprios gaviões e gerifates se tornaram difficeis de encontrar. Além disso, ainda o santo homem deu á casca de certas arvores virtudes que lhes permittissem servir de antidotos ao veneno das viboras.

No decurso duma de suas longas peregrinações, visitando, no norte da Escocia, as egrejas e capellas, que já estabelecêra e onde gostava de ir prégar de vez em quando, São Patricio realizou

um dos mais curiosos milagres de que falam as luminosas vidas dos Santos da Egreja.

Antes de chegar na aldeia para onde ia, caminhando pela longa estrada, tirava respeitosamente o seu grande chapéo de viagem, de feltro escuro, deante de todas as cruzes. Porém, com profundo espanto dos padres que o acompanhavam, não se descobrio em frente a uma dellas, a maior de todas, por signal, quasi á entrada da povoação. E um dos acolytos, cuidando fôsse aquillo distracção do santo, chamou-lhe respeitosamente á attenção.

O bispo parou e disse com doçura:

— Si eu não vi a cruz, posso jurar que quem está enterrado sob os seus braços não a merece: é um pagão indigno do emblema sagrado!

Os padres arrancaram a cruz dalli e, chegando á aldeia, informaram-se, logo verificando que São Patricio ti-

nha razão. Mas narremos o curioso milagre a que nos referimos:

Mal entrava no presbyterio, foi o santo abordado por um pobre homem, que lhe contou, entre lagrimas, ser pauperrimo, possuir uma pequena ovelha, que lhe dava leite aos filhos pequenos, e tel-a perdido pela maldade dum vizinho, homem rico e poderoso, que a matára e comera, recusando-se a pagal-a e ameaçando-o com castigos terriveis, si continuasse a reclamal-a. São Patricio consolou o pobre e prometteulhe plena satisfação daquelle maleficio.

Subio ao pulpito, fez ao povo ajoelhado e humilde admiravel sermão sobre o furto, as suas desastrosas consequencias, a enormidade desse peccado á face de Deus e os castigos infernaes que esperavam aquelles que pelas tentações do Maldito a elle se deixavam arrastar. Depois, narrou o triste caso do roubo daquella ovelha, unico bem dum ho-

mem pobre, terminando esta parte da prédica com uma exhortação:

— Irmão, que peccastes tão feiamente, arrependei-vos e sereis salvo! Confessae deante de toda esta gente a vossa falta, promettendo publicamente indemnizar o prejudicado e eu vos alimparei de toda culpa, em nome de Deus.

O ricaço encolhia-se, escondendo-se por traz das outras pessoas que o cercavam. O santo proseguio, exhortando-o:

— Irmão, estaes dentro da Egreja, dentro da Casa do Senhor, e eu vos estou vendo! Arrependei-vos, irmão!

O culpado quiz fugir. Já ia alcançando, silenciosamente e subtilmente, a porta da sahida, quando o bispo bradou do alto do pulpito sobre as cabeças baixas da multidão acurvada e medrosa:

— Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo, já que o roubador não quer

confessar a sua falta, endurecido no peccado, que a ovelha furtada, morta e devorada, berre a verdade de dentro do ventre daquelle que a roubou e trucidou perversamente!

Traçou no ar com dois dedos um lento signal da cruz. E, entre o espanto de toda aquella gente, começaram a se ouvir os balidos do pobre animal, que vinham do ventre rotundo do ricaço!

Este, livido e tremulo, as pernas vergando, veio a cambalear até o meio da nave, cahiu de bôrco no chão, prosternado humildemente, e, quando a voz do animal cessou de sahir-lhe das entranhas, disse em voz alta:

— Arrependo-me, meu santo! Arrependo-me! Peço-vos perdão, peço perdão ao meu vizinho pobre, peço sobretudo perdão a Deus! E prometto e juro repartir com o dono da ovelha que roubei metade da minha fortuna!

Quem duvidar da veracidade deste milagre leia a vida de São Patricio escripta na *Lenda Dourada,* por Jacob de Voraggio: e, si não acreditar nas minhas humildes palavras, estou certo que profundamente crerá no que affirma o douto e bemaventurado arcebispo de Genova.

A FILHA DO DUQUE DA ALSACIA

Insegurança por toda a parte. A força imperava. Os caminhos eram infestados por salteadores e os senhores feudaes guerreavam entre si, chacinando as suas hostes nas pelejas e recontros, incendiando os burgos e as herdades tomados de surpresa. Reinava o pavor. E só havia paz no interior dos muros dos mosteiros, em cujos pateos, rodeados de pesadas arcarias romanas, as pombas voavam em redor da margela do poço e cresciam os jasmineiros e as roseiras, perfumando o ar. Lá dentro se acolhiam os corações frageis, que se não podiam acostumar á bruteza do tempo e preferiam consagrar-se ao ser-

viço de Deus a assistir ás loucuras dos homens.

Numa dessas mansões cheias de paz e de religiosidade, costumava recolher-se e orar durante algum tempo, todos os annos, a mulher de Atalrico, duque da Alsacia, o senhor feudal mais violento da Austrasia, amigo e commensal de Childerico II. Elle vivia no alto de um monte, outróra venerado pelos druidas, em um castello roqueiro que dominava os arredores, e de onde o olhar de aguia das atalaias percorria os caminhos — fitas brancas e amarellas retorcidas entre o verde das matas e dos campos arrelvados. Era sobremaneira cruel, mesmo para a mulher, a delicada Beresvinda, irmã de um bispo, filha de um conde, mas tão humilde, tão submissa e tão simples, como si não participasse das grandezas deste mundo e só pensasse em ganhar a gloria infinita do outro.

Mas ambos, elle com orgulho de possuir um herdeiro que fôsse um dia valente e aspero, ella com o anseio de ter uma menina que um dia fôsse suave e crente, desejavam com todas as forças da alma o nascimento de um filho.

Este nasceu muito tempo depois de estarem casados e foi, por castigo do céo ao orgulho do pae, rosnavam as covilheiras, uma menina céga. Não ha palavras que possam pintar o seu desespero e furia. Arrancou cabellos aos punhados, atirou bancos e mesas a grande distancia com os pés, riscou com as esporas os seus cães fieis, que lhe vieram fazer festas, deu com as costas da mão enluvada em couro de gamo sobre o dorso do seu gerifalte branco, que se curvou para elle, reconhecendo-o, quando passou ao lado da alcandora, e condemnou á roda todos os vilões presos nos subterraneos do castello, por falta de pagamento de primariças e de outros tributos das terras sujeitas ao so-

lar. E, apesar das lagrimas da mãe, mandou que a filha fôsse exposta aos lobos do monte, toda núa, de noite!

A serva encarregada de leval-a para esse fim a um pinheiral, que cobria um outeiro proximo, onde as alcateias famintas uivavam todas as noites, teve pena dos choros da mãe e da innocencia da ceguinha. Ao envez de deixal-a sobre as hervas humidas, levou-a ao convento em que a ama fazia seus retiros religiosos e entregou-a ao bispo, seu irmão, que lá morava.

Na paz imperturbavel do mosteiro do Balsamo das Damas, creou-se e cresceu Odila, a filha do duque da Alsacia, emquanto, o pae orgulhoso a julgava devorada pelos lobos ferozes. O convento ficava em meio de velha floresta e a pobre menina, si não via sua janella gradeada, de manhã e de tarde, o canto do passaredo e o rumorejar das folhas á passagem da briza, que

lhe trazia o perfume intenso das flôres selvagens.

Quando tinha tres annos, a mãe, que jámais a vira, morreu, depois de ter dado á luz um menino forte e bello. Então, o duque ficou tão alegre e cheio de orgulho que, pela vinda daquelle filho, esqueceu a partida para sempre da pobre mulher, sombra de amor, de tristeza, de suavidade e de resignação que passára sobre a violencia da sua vida.

E Odila cresceu feliz no convento até o dia em que o destino lhe deu a primeira dôr e a primeira revelação. Numa tarde rôxa e abafada, morreu o bispo, seu tio e pae de criação, revelando-lhe nos ultimos momentos o grave segredo do seu nascimento. Logo, um immenso, incontido desejo de abraçar o pae e o irmão, de falar-lhes da mãe, sem vêl-os, mas, apesar da escuridão de seus olhos, palpando-os, sentindo-os, ouvindo-os, lhe encheu toda a alma in-

nocente e enthusiasta do desconhecido. Lutou contra esse desejo alguns dias e por fim a elle succumbio. Chamou uma das freiras e pedio-lhe para escrever a carta que lhe ia ditar. Esta tomou duma grossa penna de pato, encostou-se á escrivaninha esculpida do bispo e, desenrolando grande folha de pergaminho amarello, nella traçou, vagarosamente, o que a céga ditou: a historia do seu nascimento, da sua expulsão e da sua vida calma no convento, terminando com uma supplica para voltar a viver na mansão paterna. A infeliz, recebendo o pergaminho escripto, dobrou-o e mandou-o pelo velho jardineiro do claustro a Hugo da Alsacia, seu irmão.

O moço cavalleiro recebeu a missiva, quando voltava da caça com lebréos e falcões. Desdobrou-a e, como era orgulhosamente analphabeto, deu-a ao clerigo que sempre o acompanhava e que a leu dum folego, encostado ao arco da

porta do castello. No fundo, Hugo herdara alguns dos bons sentimentos da mãe. Surpreso e emocionado com aquella revelação, sentia qualquer cousa de humido nos olhos e sobre elles logo passou a camurça do guante. Subio á torre de menagem e narrou ao pae o que acontecêra, supplicando-lhe mandasse buscar a filha. O velho duque ergueu-se da alta sedia de espaldar armoriado. Ah! não tinham exposto a criança aos lobos! Não tinham cumprido as suas ordens formaes! Tinham-no enganado! Muito bem. A desobediencia seria punida. Chamou um sergente, mandou buscar a aia encarregada de executar o que determinára, para fazel-a morrer em tormentos. Informaram-lhe que ella morrera pouco tempo depois da senhora duqueza. Então, passeou nervosamente pela quadra e terminou prohibindo ao filho lhe falasse mais no assumpto. Depois, deixou-se cahir na cathedra fidalga, pousou o co-

tovello no braço esculpido em fórma de dragão e, com a barba cobrindo-lhe os dedos da mão em que apoiava o queixo, perdeu-se em scismas profundas.

Hugo não se deu por vencido e resolveu usar dum estratagema para ter a irmã perto de si. Nunca a vira. Nada de bom, ou de novo, lhe trazia á vida uma pobre céga. No emtanto, como que impellido por uma força mysteriosa, sentia que era seu dever protegel-a e ajudal-a. Um dia, não se conteve e mandou que dois de seus falcoeiros a fôssem buscar, com uma hacanéa sellada, á crasta do Balsamo.

No dia seguinte, o duque da Alsacia estava debruçado no eirado duma torre, olhando os valles, onde se esgarçavam as nevoas da manhã, quando avistou entre os falcoeiros, montando a hacanéa branca, uma dama vestida de branco. Porém devia ser céga, ou má cavalleira, porque um dos servos puxava a mansa montaria pelas rédeas.

Não se lembrou nem um instante de Odila.

Deante das tres pessoas, a levadiça foi arriada e ellas entraram no pateo do castello.

Desceu curioso e na escadaria logo topou o filho.

— Quem chega? perguntou.

O outro respondeu, sorrindo:

— A duqueza Odila da Alsacia.

O velho empallideceu. Todo o seu corpo foi sacudido por um estremeção. A mão nervosa apertava o sceptro de ferro com embutidos de ouro, que não largava nunca, abalado de momento a momento por um tremor forte.

Rangeu os dentes, por entre os quaes as palavras sahiram aos pedaços:

— Quem a fez vir?

— Eu, meu pae.

Ergueu o sceptro, furioso daquella revolta contra suas ordens, descarregou-o sobre a cabeça do moço, que rolou pelos degraus até em baixo, ba-

nhado em sangue. E desceu a escada todo descorado e rigido, até o patamar, onde os besteiros, que se premiam em redor do cadaver do filho, afastaram-se receiosos, em silencio. Sob o arco da porta, a céga estava parada, de mãos estendidas para deante, chamando:

— Meu irmão! Meu irmão!

A voz do velho duramente lhe respondeu:

— Antes nunca tivesse vindo! Mateio-o por desobediencia a seu pae! E tu, que és viva sómente em virtude duma desobediencia, vai-te de minha presença!

Odila fugio, com os dois fieis criados para o convento.

Lentamente o tempo passou e todo o mundo se afastava cada dia mais do cruel duque da Alsacia. Quando se vio quasi sosinho, pensou na filha e mandou procural-a no mosteiro. Ella veio por piedade para com o velho pae abandonado. E logo, apesar da cegueira, a

sua formosura e a sua bondade de novo povoaram o solitario castello de gente e de alegria. Muitos dos fidalgos que nelle vinham passar tempos, pensando na immensa fortuna que ella herdaria do duque, falaram-lhe em casamento. E a todos a céga brandamente repellio. Dois, ou tres, animaram-se a tratar do assumpto com o proprio duque. Este falou-lhe. Ella replicou que não desejava casar, porém sim tratar do velho pae até a morte, entrando, então, definitivamente para o convento e dedicando a vida a Deus. Céga e tendo deante dos olhos da alma um passado de violencias e de profanidades commettidas pelo seu progenitor, nada lhe sorria na vida senão unir-se a Deus pelo espirito e pela oração.

O velho remoeu a raiva da recusa recebida. O seu caracter autoritario não soffrera modificação. Antes de tudo, exigia de quem quer que o cercasse, ou lhe fôsse ligado, inteira obediencia.

Bastava refutar um alvitre para offendel-o. Resistir a um desejo seu era o maior dos crimes. E a punição não se fazia esperar.

Atalrico deu a mão de Odila a um dos condes das margens do Rheno que mais amiudadamente frequentavam sua residencia e que mais hypocrita côrte lhe faziam. Scientificou a filha do que resolvêra e marcou o dia das nupcias. Odila, desesperada, resolveu refugiar-se no convento do Balsamo, desta vez para sempre. Antes de lá nunca tivesse sahido! Antes o seu pae adoptivo não lhe tivesse revelado o segredo de sua origem! Dessa revelação e dessa sahida tinham vindo todos os males: a morte do irmão, o enfurecimento terrivel do pae e agora aquella perseguição por causa dum casamento que ella desejava evitar. Vestida de mendiga, guiada por uma velha, a pobre céga fugio á noite.

Logo de manhã, deram por sua falta os servos que o senhor puzera de guar-

da á sua pessoa. O velho achou forças para montar a cavallo e partio atrás da fugitiva, á frente duma escala de besteiros. Atiraram-se a galope pelo caminho que descia para o valle e que as ultimas chuvas tinham empapado de agua. E, quando o sol esquentou, a avistaram caminhando lentamente pela estrada em fóra. Ella e a velha beiravam alto e lizo rochedo, quando os cavalleiros as cercaram. O velho ordenou:

— Tebaldo, um virote de besta no peito da alcovita! Matheus, segure a duqueza e ponha-a á garupa.

Os dois homens moveram-se para executar as ordens e, ó prodigio! o rochedo se abrio com estrepito, as perseguidas entraram na brecha que se alargou deante dellas e logo se fechou, escondendo-as.

Os soldados pularam dos cavallos assombrados, cahiram de joelhos em grupos, boquiabertos, e uma luz mara-

vilhosa parecia sahir da alta e impassivel parede de granito!

O duque da Alsacia apeou-se tambem, curvou lentamente a sua alta estatura, ajoelhou-se com vagar e disse com voz forte:

— Senhor meu Deus, perdoai os meus grandes peccados e os daquelles que me acompanham! Eu me entrego em vossas gloriosas mãos, que protegeram minha filha. Perdoai-me, senhor!

E, voltando-se para os rudes soldados maravilhados, concluio:

— Rezemos por nossas almas a Santa Odila da Alsacia.

O RAIO DE SOL

Naquelle tempo, ainda havia, na região que se estende entre o Rheno e o Marne, muitas pessôas que professavam o paganismo e mesmo outras que iam á missa nas basilicas, mas em segredo deixavam offertas a Pan e ás Nymphas, dentro dos bosques sagrados, á porta das grutas. Depois de ter ahi percorrido os burgos e os campos, prégando a palavra de Deus ao povo incredulo e hostil, o bondoso São Goar se retirára para uma velha ermida á margem do Rheno, onde começou vida solitaria e contemplativa. Mas, na memoria de muitos, que o tiham ouvido explicar do alto dos pulpitos, ou na praça das povoações, os Evangelhos e o Apocalypse, ficára a saudade do seu

conforto espiritual. E esses vinham da Champanha e da Borgonha, das Flandres e da Alsacia até o seu retiro, nos arredores de Tréves, pedindo-lhe consolo aos padecimentos moraes e, ás vezes, remedios ás miserias physicas. São Goar curava tanto umas como outras.

O santo ermitão recebia carinhosamente todos os que o procuravam. Como o logar era deserto e quasi barbaro, hospedava os grupos de peregrinos na sua ermida, restos de antiga egreja, onde havia grande sala núa, com immensa chaminé ao centro e vasta mesa de carvalho, rodeada de bancos. Alli, elle mesmo lhes servia uma refeição frugal de caldo e pão, introduzindo-os, assim, no segredo da sua morada e da sua alma. Dizia, antes do repasto, uma missa em tenção de todos os presentes. Após lhes ter dado uma talhada de pão de centeio, uma escudella de madeira cheia de sôpa fumegante e um pichel de estanho com o vinho que lhe

mandava de esmola um cultivador da região, sentava-se á cabeceira da grande mesa e, cofiando com a mão fina e murcha, a longa barba branca, docemente lhes falava das coisas divinas. Contava-lhes da humildade de Jesus e dos seus soffrimentos por amor dos homens. Mostrava-lhes a força da caridade guiando as almas e incutindo-lhes a fé e a esperança na vida futura, para a qual todos se deviam preparar com obras pias e com a pratica da virtude.

Aconteceu que um dia, quando estava com a ermida cheia de peregrinos, chegassem dois orgulhosos cavalheiros da cidade de Colonia, que iam a Tréves, a um torneio. Offereceu-lhes logar á mesa commum. Elles, vendo que todos os que nella tomavam assento eram simples villões e camponezes, recusaram o convite e responderam de máu modo, batendo na escarcella tilintante de oiro, que preferiam ir comer no melhor albergue da cidade. Sahiram dalli

furiosos e decididos a tomar uma vingança qualquer do misero ermitão que os offendera, querendo comparal-os, igualal-os talvez a todos aquelles servos e mesteiraes. Chegando a Tréves, dirigiram-se ao paço do bispo e disseram-lhe, sob palavra de honra, que o religioso solitario mantinha uma estalagem, onde se iam embebedar e jogar os maráus dos arredores. Tinham-nos visto, capitaneados pelo padre, sentarem-se em volta duma mesa para a jogatina, a comezaina e a beberrónia.

O bispo deu credito ao que lhe contaram, com tantas juras de exactidão, aquelles dois altos senhores e mandou que um dos seus criados galopasse até a ermida e dissesse a São Goar que logo viesse responder, por grandes faltas commettidas, perante o conselho ecclesiastico da diocese.

O mensageiro lá chegou com o recado ao meio da noite. Todos os peregrinos tinham partido e o santo varão

ainda rezava ajoelhado deante de velho crucifixo. São Goar levantou-se, ouvio-o serenamente, despedio-o com bençãos e, tomando o nodoso bordão e uma saccóla de viveres para os dar de esmola aos pobres do caminho, dirigio-se a pé para a cidade. Ao raiar do dia, achou amarrados a uma arvore, rasgados e famintos, os dois nobres cavalheiros de Colonia. Desatou-os caridosamente e perguntou-lhes porque os encontrava naquelle triste estado. Contaram-lhe que um bando de salteadores os tinha atacado, quando regressavam das justas. Pilhados de surpreza, não se puderam defender e perderam, assim, os seus cavallos e o ouro amoedado que traziam. São Goar confortou-os, deu-lhes as provisões que conduzia e guiou-os para Tréves, onde certamente deviam achar amigos que melhor os soccorressem.

E foi á frente delles que, com passo seguro, penetrou na sala nobre do paço

episcopal, onde estava reunido todo o cabido, á espera de ouvir a sua defesa. O bispo, sentado em alta cathedra esculpida, debaixo de amplo baldaquino de velludo carmezim, de mitra á cabeça, empunhava o grande baculo recurvo e enflorado de relevos. Ladeavam-n'o duas longas filas de conegos e de simples clerigos, de abbades e de freires, com pesadas camandulas á cintura. Duma alta janella de vidramento colorido longo raio de sol descia e atravessava a sala em toda a largura, fazendo sobre o chão atijolado larga mancha elliptica de oiro.

Quando São Goar entrou, seguido dos dois fidalgos cabisbaixos e rôtos, o bispo magestosamente se ergueu e perguntou-lhes com espanto:

— Que vindes aqui fazer, em pós aquelle que accusastes e nesse misero estado? Vindes reaffirmar, ou negar, a accusação?

Nenhum respondeu e ambos silencio-

samente se ajoelharam aos lados do ermitão, cuja alva e longa barba parecia de prata sob a claridade do grande raio de sol. Um silencio de espectativa encheu a sala immensa. São Goar tinha no braço, pendurados pelas suas alças de couro, o bordão e a saccola vasia. O bispo ordenou-lhe:

— Deponde em qualquer parte o vosso fardo, ajoelhai-vos deante do conselho e respondei ás perguntas que vos serão feitas, jurando pelos Santos Evangelhos que sómente direis a verdade, irmão Goar!

O santo procurou com os olhos nas altas paredes um cabide, um gancho, um prégo onde dependurar o que trazia. Nada vio que lhe servisse e, com a maior simplicidade, sem reparar mesmo no que fazia, cuidando fôsse qualquer outra coisa aquelle longo raio de sol que atravessava a sala, sobre elle quiz pôr a saccola e o bordão. E, deante dos olhos espantados da numerosa as-

sistencia, os dois objectos ficaram suspensos do raio de sol!

Então, o bispo de Tréves, de olhos fitos nelle, comprehendendo tudo, lentamente se ajoelhou. Todos os ecclesiasticos cahiram de joelhos. Os dois cavalheiros bradaram, voltando-se para o santo:

— Perdoae-nos, senhor, termos tão vilmente vos calumniado!

O bispo exclamou do alto do solio pontifical baldaquinado de rubro:

— Perdoae-me, São Goar, ter dado ouvidos a essa calumnia!

Todo o cabido prosternado falou em côro:

— Perdoae-nos, irmão, nossa intenção de vos julgar pelo que jámais praticastes!

E São Goar, cahindo de joelhos, batendo no peito:

— Perdoae-me, irmãos! Eu vos juro que nada fiz e nada pretendi fazer! Foi a infinita misericordia de Jesus que obrou por mim. Perdoae-me!

OS DISCOS DE PRATA E DE OIRO

A vida de Santo Antão, eremita e thaumaturgo, foi escripta por Santo Athanasio, diz Jacob de Voraggio, bispo de Genova, na sua *Lenda Aurea.* E de todos os milagres que o primeiro santo praticou no deserto, onde passava a sua vida em dura penitencia, demorado jejum e constante oração, narrados com singeleza carinhosa pelo segundo santo, nenhum mais bello que o dos dois discos de metal precioso.

Era ao entardecer e o sól que descia, para fugir da terra, lançava sobre a vastidão do deserto africano fino e quente manto de luz violeta. Santo Antão vinha de longe, de um logar onde vivêra santamente longo tempo, mas que

se enchera, depois, de muitos cenobitas; vinha á procura da solidão completa, que tanto lhe aprazia e onde Deus lhe dava forças sufficientes para vencer as mais terriveis tentações do demonio.

Caminhava lentamente, arrimado ao nodoso bordão, por entre as touceiras maninhas de cardos acinzentados. Uma aragem subtil passava sobre a areia ondulada e clara, ciciando, arrastando pequenissimas ondas de grãos mais leves, arrumando pequenas rugas immoveis, de uma regularidade horrivelmente monotona. No céo azul, limpido e profundo, transparente como uma gaze estendida, nem uma asa se via. Sobre a face lisa da terra, nem uma palmeira, nem uma ruina, nem um chacal, ao menos. Nada! Silencio tumular. Solidão completa. De repente, o santo, que levava os olhos prégados no firmamento longinguo, cheio de dôce beatitude, vendo com os olhos d'alma os côros de seraphins em torno do Senhor,

numa maravilhosa, insustentavel refulgencia, baixou por acaso a vista sobre o saibro unido e alisado, que se estendia a perder de vista. E vio, com assombro, que ao pé de um cardeiro agreste e murcho, açoitado pelo simun, fustigado pelo ardor do sól, reluzia, tocado pelos raios que vinham do poente, um immenso disco de metal claro.

Approximou-se, abaixou-se e pôz-se a consideral-o. Vieram-lhe recordações da riqueza e da mocidade, que renegára para se retirar ao deserto e rezar. Reconheceu que o disco era de prata massiça. Quiz aluil-o e nada conseguiu. Representava fabulosa fortuna. O homem que o possuisse seria, um dos mais poderosos do mundo. O disco de prata tinha a espessura e o tamanho de uma grande roda de carro de bois, daquelles que usavam, para os seus transportes, os camponios da Italia meridional!

Santo Antão considerava o grande

disco, mentalmente calculando, alheiado de tudo, quantos quintaes pesaria; cunhado, quantas moedas daria; emfim, o que um homem poderia realizar com aquella immensa fortuna. E, de subito, acordou da sua meditação, horrorizado por se encontrar á borda do abysmo de uma tentação infernal. Pôz-se rapidamente de pé, fez mais rapidamente ainda o signal da cruz. O grande disco desfez-se em pó, á sua vista.

Então, cahio de joelhos, rendendo graças a Deus, emquanto o disco luminoso do sol se afundava no horizonte.

Nasceu a lua e lentamente ascendeu no espaço, cobrindo o deserto de impalpavel poeira prateada.

O silencio profundo continuava. Nem rugidos de leão nem uivos de chacaes o interrompiam. Santo Antão levantou-se e proseguio a jornada, os olhos fitos nas estrellas, que enchiam a téla negra do firmamento. Em meio das orações, que continuava a fazer,

andando, parecia-lhe, ás vezes, escutar risadinhas perversas, de escarneo, perdidas na tréva, ao redor. Dahi a momentos, vinda do sólo, uma fulguração, como a do sól, quando nasce, lhe ferio a retina, obrigando-o a baixar os olhos do céo alto para o chão ondulado e triste.

A certa distancia, um como sól cahido do firmamento reverberava prodigiosamente no meio do areal. Dum fóco grande, como um dos rolos de pedra bruta com que os egypcios outróra preparavam o leito das estradas e que ás vezes se encontram esquecidos á beira dos caminhos, irradiavam fios de luz coloridos e ardentes, scintillando como reflexos de joias raras. O santo approximou-se e vio, com espanto, que se encontrava ao pé de enorme disco de oiro puro, crivado de pedrarias. Nelle havia semeadas, incrustadas ás tontas, sem ordem e sem conta, as mais bellas pedras preciosas do mundo. Nem

reis nem imperadores jámais tinham possuido eguaes. Havia brilhantes sumptuosos da India, do tamanho dum ovo de avestruz; saphiras da Bactriana, maiores que uma bala de funda; topazios, rubis, carbunculos, coridons, egyptillas, amethystas, turquezas ovaes, uma ou outra opala furta-côr!

Olhando aquelle thesouro, santo Antão sentiu uma zoeira nos ouvidos, mentalmente pensou nas delicias rescendentes a peccado mortal que aquella riqueza daria ao seu possuidor. O seu coração batia apressado. Um suor gelado corria-lhe da testa, continuamente, ensopando-lhe as sobrancelhas hirsutas. Mas a sua hesitação foi obra dum instante, e quando, ao som duma musica perturbadora e mysteriosamente esparsa no ar, as mãos já se estendiam para o disco precioso, a vontade de ferro dominou a tentação. Em voz alta, o eremita perguntou:

— Por que razão ha este thesouro

perdido neste logar ermo, onde os homens, antes de mim, talvez nunca tivessem vindo?

O silencio do deserto continuou o mesmo sob a pallidez do luar. Elle accrescentou no mesmo tom, a raciocinar:.

— Si um rei o tivesse perdido, — porque só um rei poderia possuir este thesouro, — por certo já o teria mandado buscar, com officiaes de sua casa e tropas aguerridas. Mas, abandonado sem explicação neste deserto, só póde ser armadilha de Satanaz!

Lento e calmo sorriso lhe aflorou aos labios resequidos e amarellados. Um vento forte lhe açoitou sobre o peito a vasta barba branca. O seu bastão nodoso ferio o disco com força e elle concluio, fazendo novo signal da cruz:

— Manha de Satan: deante do disco de oiro do sol, o disco de prata da tentação e o disco de oiro de nova tenta-

ção, deante do disco de prata da lua! Sempre contrario, em tudo e por tudo, ás obras de Deus.

A este nome, as gargalhadas ciciantes calaram-se e o radioso thesouro subitamente desappareceu. Ao longe, um leão começou a rugir.

Santo Antão dirigio-se ás montanhas proximas e lá, durante vinte annos, viveu sósinho, orando e jejuando, no interior duma caverna, sempre afastando de si as tentações infernaes. E num dia em que, ao crepusculo, de joelhos á porta da gruta, via do monte o sol que se escondia além dos vastos areaes libycos, arroxeados e selvaticos, lembrou-se sem querer dos dois discos preciosos que achára na solidão. Então, um extase o tomou. Vio-se no caminho do Paraiso e de repente lhe barrava o caminho uma rêde — como de pescador — de malhas miudas e resistentes. Um anjo, armado com a espada flammejante com que Miguel venceu o Mal-

dito e Raphael expulsou Adão e Eva do Jardim do Eden, defendia-a de qualquer approximação. E todos os espiritos que pretendiam atravessal-a voltavam desesperados e precipitavam-se no abysmo.

Santo Antão cahio de joelhos e exclamou:

— Oh! como passar através desta barreira, senhor meu Deus?

Uma voz majestosa lhe respondeu da Immensidade:

— Com as obras da tua humildade!

Logo, uma destra immensa e luminosa atirou contra as malhas da rêde um grande disco de prata e um grande disco de oiro polvilhado de pedrarias. Ambos dilaceraram algumas malhas e Santo Antão pôde continuar o seu caminho para Deus.

Deste extase o eremita não voltou mais a si.

OS OSSOS DE S. NICOLAU

Os velhos doutores da antiga cidade de Argos, que escreveram com santo zelo a gloriosa vida de S. Nicolau, confessor e bispo de Myra, na Lycia, registaram nas suas paginas encantadores milagres daquelle fiel servo de Deus. Entre elles, os dois que maior fama deram em todo o Oriente ao santo varão. Contaram, pois, que uma feita, por noite procellosa e escura, vendo-se quasi tragada pela tormenta feroz que reinava, a maruja dum drómon byzantino de amplas velas carminadas lembrou-se de pedir, em altos brados, o auxilio do bispo caridoso da grande cidade asiatica. E, logo, sobre o taboado humido do convez surgio um velho alto, de alvas barbas esvoa-

çantes, que, em meio do vendaval despeiado e da fuzilaria dos relampagos, a ajudou a colher os pannos, a puxar as driças, a aguentar o leme, assumindo o commando do barco e conduzindo-o ao porto de Myra, sem tropeços. Quando as correntes das ancoras rangeram nos buracos ornamentados dos escovens, mysteriosamente o ancião desappareceu.

O piloto e os marinheiros desembarcaram e fôram á basilica episcopal agradecer aquella milagrosa interferencia. E abriram olhos de espanto quando viram que o bispo que celebrava a missa matutina era o mesmo velho respeitavel que os salvára da tempestade nocturna. Correram alvoroçados para o altar, cahiram de joelhos aos seus pés, banhando-os de lagrimas, balbuciando agradecimentos. O sacerdote sorridente disse-lhes com modestia:

— Agradecei a Deus, irmãos, junto commigo.

E todos se prosternaram.

Outra vez, o mau tempo destruira as colheitas dos campos e a fome reinava na cidade, quando, por acaso, grande palandria carregada de trigo entrou no porto e ancorou perto dos largos cáes de pedra bruta. Fôram a bordo os mercadores offerecer bom preço pelo rico carregamento; e, depois dos de bordo terem recusado vendel-o mesmo a peso de oiro, temendo uma sedição da plebe esfaimada, lá foi tambem o velho bispo. Então, o piloto lhe explicou que aquelle trigo ia de Alexandria para Constantinopla, pertencia ao tributo annual da annona, com o qual o Egypto fertil sustentava a capital ociosa do Imperio, e devia ser recolhido, no Corno de Oiro, aos celleiros do imperador. Por isso, não o podia vender, embora muito lhe does-

se saber que toda a diocese passava fome.

Nicolau pôz as mãos magras sobre os largos hombros do lobo do mar e, olhando-lhe os negros olhos com as pupillas claras e bondosas, ordenou-lhe que distribuisse metade do trigo que trazia com o povo de Myra, responsabilisando-se pelo que pudesse advir desse acto. O piloto obedeceu. Houve pão com fartura na cidade e, quando o navio levantou ferros para partir, o chefe e os tripulantes verificaram com assombro que a carga estava intacta. Sahiram do porto, ajoelhados sobre a coberta, entoando psalmos, emquanto os hymnos religiosos da população satisfeita lhes respondiam de terra.

S. Nicolau morreu annos mais tarde e seus ossos fôram guardados numa urna de prata, junto ao altar-mór da basilica episcopal. Passaram quasi dois seculos e os homens que governavam o glorioso destino da republica de Vene-

za, lendo no livro dos doutores de Argos e sabendo pela voz do povo dos dois grandes milagres, resolveram obter para a sua esplendorosa cidade a protecção daquellas santas reliquias.

O bispo de Myra salvára marinheiros dum naufragio e abastecera a diocese. Ora, a rainha do Adriatico carecia dum padroeiro que protegesse as suas frotas mercantes e assegurasse o seu abastecimento. Por isso, um embaixador do Doge, togado e orgulhoso, desembarcou um dia dum esperonaro veloz no porto asiatico e subio a escadaria do paço episcopal, indo offerecer ao bispo de então, pelos ossos de S. Nicolau, o seu peso em oiro. O sacerdote reunio o cabido metropolitano, apresentou a proposta, que foi acremente discutida. E o embaixador da Serenissima Republica voltou ao palacio ducal com uma dura recusa, que fundamente offendeu os melindres da Senhoria veneziana.

Mezes mais tarde, uma embaixada de Veneza, era recebida num dos dourados salões do palacio de Blachernes, em Byzancio, e exigia do Basileus Augusto, em troca das melhores concessões commerciaes, os ossos do santo. Um conde palatino, escoltado por uma cohorte de escutarios, embarcou para Myra, afim de saber do prefeito e do bispo si estavam dispostos a dar as reliquias preciosas, a pedido do imperador, que dellas precisava, para obter de Veneza os melhores favores. Mas teve de fugir da cidade no mesmo dia em que chegou, tal a freima de rebeldia do povo, quando soube ao que vinha. E dos montes dos arredores, legiões de monges hirsutos e anachoretas selvagens desceram, armadas de páus e de pedras, para defender a urna sagrada.

A embaixada tornou ao Grande Canal e trouxe essas noticias á Senhoria teimosa, que resolveu obter de qual-

quer maneira a ossada do bispo milagroso, mesmo roubando-a, si preciso fosse. Numa tarde de verão, arroxeada, quente e triste, uma zavra ligeirissima, com a bandeira do leão de São Marcos esvoaçando no tópe do mastro grande, abicou a uma praia deserta dos arredores de Myra. A' noite, seis dos tripulantes penetraram disfarçadamente na cidade adormecida e conseguiram forçar a porta lateral da basilica. Roubaram a urna e conduziram-na para bordo, fazendo-se de vela com presteza.

Amanheceu e o roubo foi descoberto. A multidão apinhou-se furiosa no cáes, brandindo armas, emquanto uma turbamulta de pilotos e de marujos preparava os navios mais velozes, para dar caça aos piratas sacrilegos. Mas o céo de tal modo se enfarruscou que elles não tiveram coragem de partir.

Cahio uma tempestade formidavel. O alcouce açoitava o mar encapellado,

com inaudita violencia. Os raios cruzavam-se no ar em zigue-zagues de sangue. A voz potente do trovão rolava ameaçadora pelo espaço. E a zavra veneziana, que já ia longe da cidade, doidamente balouçada sobre o dorso furioso do mar, velas despedaçadas, mastros fendidos, fazendo agua por todas as junturas, ia perder-se para sempre no abysmo, quando o capitão se ajoelhou no convez e bradou:

— Valei-nos, S. Nicolau!

Todos os marinheiros, de joelhos tambem, repetiram:

— Valei-nos, S. Nicolau!

E logo o mesmo velho, que os tripulantes byzantinos do drómon ameaçado tinham visto, surgio no chapitéu da pôpa, tomou a canna do leme e guiou o barco pelo meio da procella, que pouco e pouco diminuia, até as aguas tranquillas já do porto asiatico, em cujos cáes se agglomerava a multidão furiosa. Veio o prefeito da cida-

de, cercado de soldados, e obrigou os venezianos a carregarem a urna do padroeiro até a basilica violada por elles. Depuzeram-na no seu logar e narraram ao povo, de joelhos nos degraus do altar, o milagre da tempestade. Atráz delles, no escuro do nicho em que jazia, o cofre dos ossos santos resplandecia maravilhosamente. E o povo e as autoridades perdoaram aos roubadores o furto sacrilego.

Desde essa data, nunca mais a tenaz e orgulhosa republica de Veneza ousou pretender a posse das reliquias do grande confessor. Mesmo mandou um enviado render-lhe homenagem em seu nome. E os ossos de S. Nicolau ficaram em Myra, protegendo-a, até que os seculos reduziram a pó a antiga capital da Lycia.

A CAMISA DE SANGUE

Reinava em Byzancio o isaurio Constantino V, vencedor dos arabes e inimigo de Deus, que por ter maculado, na occasião do baptismo, a pia da basilica de Santa Sophia o povo appellidára Koprónymo. Mas aquelles que, nos dias de espetaculos, frequentavam o Circo, ou espalhavam más novas contra o poder imperial pelas barbearias e locandas dos arredores do Hippodromo, ou de Sylcae, preferiam chamar-lhe Cavallino.

Nesse tempo, as duas facções do Hippodromo, os Verdes e os Azúes, mettiam-se nas questões politicas e religiosas, agitando-as formidavelmente. E os odios, então, se tinham tornado mais fortes e mais crueis devido ao de-

creto imperial que abolia do culto todas as imagens pintadas, ou esculpidas.

Desde muito tempo, os doutores canonicos e ecclesiasticos do Imperio Byzantino vinham discutindo si a adoração dos icones estava verdadeiramente de accordo com as palavras da Escriptura, ou não. A maioria acabára por decidir que todas as figuras de madeira, de mosaico, de pedra, ou de metal precioso, deveriam ser banidas da religião, porque eram, em verdade, contrarias ás palavras de Deus

Constantino V apoiára essa decisão e resolvera acabar nas terras do Imperio, da Syria ao monte Hemus e do Adriatico ao Ponto Euxino, o culto das imagens. Publicado o decreto imperial, todos os iconoclastas invadiram nas provincias as basilicas, os conventos e as capellas, destruindo barbaramente preciosidades e obras de arte. Raros os mosteiros que lograram escapar pela sua posição inexpugnavel, como a

grande Laura do Monte Athos, á furia desses fanaticos.

Em Byzancio, soldados hirsutos da Varangia, ou bucellarios galatas, de largas espadas batendo na côxa, percorreram todas as egrejas, escoltando caiadores, pedreiros e carpinteiros, que destruiam as imagens de santos esculpidas nas grades de madeira dos córos; que deitavam abaixo os vultos de Jesus de marmore claro, bellos como estatuas gregas; que revolviam o rebôco dos muros, arrancando os lindos mosaicos em que, em fundo de oiro liso, meigamente sorriam as Panaghias, hieraticamente cobertas por uma pesada capa cheia de pedraria; que borravam com as brochas grosseiras, molhadas em cal, ou em ocre, as pinturas dos forros e das abobadas, onde os santos e as santas mostravam os attributos da sua beatitude, ou os signaes do seu martyrio. E, assim, tanto quanto a religião, a arte byzantina se cobria de luto.

Mas a reacção não se fez esperar. Os higumenes idolatras chamaram em seu soccorro os fieis vizinhos das egrejas. Carniceiros armados de machados e cutelos, ferreiros brandindo malhos, marceneiros empunhando compassos de ferro abertos ameaçadoramente, mesmo mulheres armadas de vassouras e de caçarolas atacaram os agentes e soldados imperiaes. O sangue correu pelas ruas. Basilicas rodeadas de barricadas e defendidas por gente de toda a sorte, resistiram dias inteiros ao mais completo assédio, em que figuraram mesmo machinas de guerra: ónagros, balistas, arietes e catapultas. Contra ellas fôram lançadas bolas de fogo grego e as chammas loucas dos incendios clarearam o céo. Até um dia, quando o Basileus assistia no circo ás corridas tumultuosas de bigas, trigas e quadrigas, a um assobio partido dos mais altos bancos do amphitheatro, desencadeou-se a sedição do partido Verde. Os es-

patharios e os chrysaspidas da guarda fôram repellidos. A chusma revoltada precipitou-se contra o Kathisma, ou tribuna imperial. E o Koprónymo fugio, correu ao paço de Blachernes, tomou as joias do thesouro e, embarcando num alto drómon de guerra, fugio para o outro lado do Bosphoro.

Vencida a rebeldia e afogada em sangue pelas espadas das tropas do Grande Domestico, o Imperador tornou á capital, mais taciturno, mais feroz e mais iconoclasta do que nunca. E começou a fazer castigar publicamente no Hippódromo todos aquelles que desobedeciam ao mandato despotico contra os icones santos.

Ora, nesse tempo vivia perto de Constantinopla, ao pé dum morro agreste e deserto, uma religiosa solitaria, que jejuava quasi diariamente e a si mesmo se impunha as maiores penitencias. Um frade mendicante, iconoclasta fanatico, passando um dia pela gruta onde a mon-

ja habitava, vio-a em oração, de joelhos deante de pequena imagem de madeira da Virgem Maria. Logo, ao chegar na cidade, narrou o facto, exaggerando-o, a um dos centuriões dos Cubicularios do palacio, o qual o contou mais tarde ao Grande Papias. Sem demora, essa autoridade mandou buscar a audaciosa mulher que ousava ainda adorar idolos, quando elles já haviam desapparecido da face do Imperio, por obra e graça do Cavallino.

Ella veio amarrada pelas mãos, entre as lanças duma cohorte. Era alta e magra; os cabellos cahiam-lhe sobre os hombros, desalinhadamente; cobria-a longa e pesada tunica de esparto rude; os pés pequenos, empoeirados e nervosos pisavam sobre as grossas solas de corda das alpercatas; faces fundas e olhos amortecidos na profundez escura das orbitas.

Não negou a accusação que lhe imputavam, antes defendeu com palavras

calmas e firmes o culto perseguido, tanto deante do mordomo palaciano, como na presença do proprio Basileus, quando o Grande Papias a fez conduzir até o pé dos leões de oiro entre os quaes, no throno ornamentado como uma custodia rica, o Autokrator magestosamente se sentava. E ouvio, serenamente, a sentença que a condemnava a ser chicoteada nua no Hippódromo, á vista da populaça byzantina.

Chegou o dia das corridas. O sol faiscava num céo nú, azul e alto. Toda Constantinopla refulgia. A multidão comprimia-se nas fileiras dos bancos do grande amphitheatro, sob o velario carmezim. O Imperador, rodeado de dignitarios, e de silenciarios com achas de guerra ao hombro, olhava a arena e o povo do alto do Kathisma. Sobre o bordo da Spina, entre as trípodes, as estatuas e os obeliscos, sentavam-se os fiscaes dos jogos, os henioques e os empregados do Circo. Um borborinho im-

menso enchia o ar. E os verdugos trouxeram até o pé da tribuna imperial o vulto fraco de Arethusa, a monja solitaria accusada de idolatria. Debruçando-se do parapeito do Kathisma, a um gesto do Despota, o Grande Papias gritou-lhe:

— Ainda é tempo de te salvares. Apostasias ou não o culto dos icones ?

Ella respondeu, serenamente:

— Nunca!

Então, dois carrascos tiraram-lhe a pobre tunica de esparto. Appareceu núa aos olhos da plebe insufflada pelos agentes iconoclastas. Uma vaia estrugio, deante da sua magreza, dos flacidos seios pendidos, vinda das bancadas dos Azues, emquanto os Verdes, idolatras vencidos, voltavam lentamente os rostos para outro lado.

As correias dos chicotes estalaram no ar, brandidas pelos braços musculosos de dois verdugos, e cahiram sobre as pobres carnes núas da martyr ajoelhada.

O sangue aflorou á borda dos talhos. E as vergastadas continuaram. Mas o sangue que ia sahindo vestia a prisioneira com uma tunica vermelha, que a cobria do collo aos pés, de maneira que a populaça abjecta dentro de minutos nada mais via do pobre corpo. O sangue como que magicamente se tecia com a luz do sol — porque o tecido que vestia a santa era côr de purpura com laivos de oiro. Ella ia tombar desfallecida, quando os carrascos pararam o supplicio, tremulos de espanto, ajoelhando-se. O Imperador, de olhos desmesuradamente abertos, recuára para o fundo do Kathisma. E, emquanto os Azues ficavam em profundo silencio, os Verdes gritavam em côro:

— Milagre! Milagre!

O INDICADOR DE SANTO AGOSTINHO

S. Bernardo, o apostolo das Cruzadas, dizia que santo Agostinho, o grande bispo de Hippona, era a fonte da doutrina da Verdade, que regava a egreja inteira. E, nas suas visões extaticas, o abbade de Citeaux via borbotões de fé jorrando das paginas das "Confissões" e ondas irisadas sahindo dos grossos tomos da "Cidade de Deus". Entretanto, o magno episcopo africano, que fallecera nos primeiros seculos da Roma christã e fôra sepultado na egreja do mosteiro de S. Pedro, em Pavia, sob uma grande lousa negra, em cujos cantos, esculpidos, abriam as suas asas mythologicas de Kerubs os quatro animaes apostolicos:

o homem, o boi, o leão e a aguia, nunca obrára milagres. Pelo menos, o povo delles não falava nas suas lendas e nas suas cantigas, nem o santo abbade a elles se referia, quando comparava o illustre doutor da Egreja com uma luminosa e maravihosa Fonte de Verdade.

Talvez Deus reservasse para o grande defensor de sua Fé entre os homens um dos mais bellos milagres que os thaumaturgos têm praticado por seu querer. Essa era a maneira de pensar dos habitantes de Pavia, entristecidos quando os moradores de outras cidades da Italia lhes reprochavam não ter nunca o santo sepultado na sua basilica praticado o menor milagre. E os primeiros, effectivamente, tinham razão.

No meado do decimo seculo, quando ainda christãos e infieis valentemente se batiam em favor da Cruz, na Palestina, no Egypto, em Tunis, nas Espanhas, por todo o estendal azul

do Mediterraneo, os romeiros que vinham da Terra Santa, com seu bordão nodoso, seus rosarios de conchas e suas vieiras presas ao habito em torno da cógula, quer perlongando a pé o valle do Danubio, quer desembarcando em Veneza dos esperonaros e galeões em que atravessavam o Archipelago e o Adriatico, passavam sempre pelas cidades da Italia septentrional. Um delles, que buscava a Provença, deteve-se em Pavia e ouviu contar dos remoques da vizinhança ao santo que dormia sob a pedra negra, inutilmente, sem fazer milagres.

Logo lhe encheu a alma o desejo de destruir aquelles motejos e de elevar, fazendo Santo Agostinho obrar grandes cousas, o seu nome entre a christandade. Achava que não era bastante ao bispo de Hippona aquella fama de saber virtuoso e de impeccabilidade logica e dogmatica de que S. Bernardo se tornára na Europa a illustre e

forte voz propagadora. Esse desejo nada tinha de baixo, ou de ambicioso. Era todo elle inteiriço de nobreza e de fé.

O peregrino passou dias inteiros de oração e noites de vigilia sobre a pedra do tumulo, pedindo ao bemaventurado que lhe inspirasse o que deveria praticar para alcançar os seus fins. E, numa dessas meditações e orações prolongadas, pensou por acaso que todos os milagres seriam possiveis, si possuisse uma reliquia do santo: farrapo de cásula historiada, ramagem de oiro da mitra, pedaço rico do báculo, anel rôxo de pontifice, ou, melhor ainda, qualquer cousa do seu proprio corpo, como uma mecha de cabellos, uma unha, um dêdo... E a sua escolha fixou-se num dedo.

Mas de que modo obtel-o ? Violando a sepultura e roubando-o, porque as autoridades religiosas não lhe dariam permissão para mutilar o cadaver sa-

grado. Mas, como roubar? A basilica era vigiada durante a noite por um homem forte, que nunca dormia e cujo punho herculeo esmagaria qualquer violador. Só havia, pois, um meio: comprar esse vigia.

O romeiro esmolou mezes a fio, mal comendo réles côdea de pão, todos os dias, até que reuniu um sacco de moedas de oiro, piastras de Veneza, besantes de Constantinopla e sequins dos Califas. Com elle comprou a dedicação do guarda, que lhe prometteu desellar sósinho, para não haver desconfianças, a pedra negra dos quatro animaes symbolicos e cortar o dedo indicador do santo.

Cumprio a promessa, porque dias depois levava, ao cahir da tarde, á suja espelunca, onde se albergava o peregrino, embrulhado num trapo, o dedo resequido de Santo Agostinho. O romeiro sahio, pelas estradas afóra com o dedo guardado num relicario de pra-

ta, emocionado e contente. O primeiro cégo que encontrou, descançando de esmolar, ao pé de um olmeiro, cantava uma canção triste, em que lamentava jámais ter visto a gloria da luz e talvez nunca poder vêr a gloria luminosa do Todo Poderoso.

— Tu a verás! Tu a verás! murmurou cheio de fé, e tocou-lhe com o relicario na fronte polida como um velho marmore grego. E, de subito, o cégo abriu os olhos, suas pupillas rebrilharam e elle gritou, cahindo de joelhos:

— Gloria a Deus! Gloria a Deus, e a ti, homem de Deus! Eu vejo! Eu vejo!

E deitou a correr pelos campos, como louco.

Dahi por deante, a fama daquella reliquia foi crescendo pelo mundo.

Sarava todas as enfermidades. Bastava que um doente a tocasse, para ficar inteiramente bom. Mesmo os ho-

mens de máus instinctos sentiam-nos se abrandarem deante della. E até os tolos e os imbecis, cuja cura Jesus nunca realizou, ficavam mais intelligentes, beijando-a.

Em Sienna, onde o peregrino se acolhera, não havia alojamento para a gente, que de toda a parte vinha em busca de melhoras do corpo e do espirito que o dedo de Santo Agostinho lhe dava. E não precisava dar nada ao pobre romeiro, porque todas as moedas de ouro que lhe choviam em torno elle distribuia pelos pobres, alimentando-se sempre com a sua côdea de pão e o seu cangirão de agua. Raramente, o estalajadeiro obtinha que levasse á bocca algumas favas cozidas em agua e sal.

Quando a fama desses milagres admiraveis do seu santo, até então tido como inutil, chegou a Pavia, o bispo e o governador da cidade, mandaram prender o vigia da egreja de S. Pedro,

submettendo-o á tortura, afim de que narrasse como tinham estrangeiros violado o sepulcro do Grande Doutor e mutilado o corpo santo. O pobre homem contou do suborno do romeiro, da tentação das moedas de oiro e affirmou que enganára o comprador, por não ter coragem de abrir a sepultura e tocar no cadaver do santo. Fôra ao logar das execuções, fóra de portas, subira ao cadafalso, e, com a faca amolada, decepára o dedo indicador de um enforcado que ali estava dependurado, havia varios dias, e que o sol ardente reseccava aos poucos.

Então, os juizes mandaram afrouxar-lhe os laços; mas, antes de pôl-o em liberdade, resolveram verificar se dizia mesmo a verdade. Com licença do cabido, foi erguida a lage côr de tréva e desellado o ataúde de Santo Agostinho. Ninguem, verificaram todos os presentes, desde o governador e do bispo até os alvaneis encarregados do tra-

balho, tocára naquella sepultura e naquelle esquife, cujos sellos se encontravam intactos. Mas, quando, rompidos elles, se abriram as tampas de par em par, um grito de assombro partiu da assembléa: faltava o dedo indicador de Santo Agostinho.

E foi este o maior milagre que elle praticou dentro dos muros da cidade que acolhera, havia seculos, os seus despojos.

TREZENTOS E SESSENTA E CINCO BISPOS

Corria o anno de oitocentos e quatro, e já fazia dois annos que fallecêra, sob o docel baldaquinado do vasto e duro leito conjugal, a imperatriz Fastrada, esposa de Carlos Magno, imperador do Occidente e rei dos romanos. Antes de morrer, pedira, soluçando, ao esposo, que, de joelhos ao seu lado, pendido para a sua face pallida, deixava a longa barba branca espalhar-se sobre a cobre-cama de lã ornamentada á maneira byzantina, mandasse sem detença terminar a grande egreja de Aquisgram. Fôra ella, a soberana loura e alta, de physionomia severa e coração brando, que começára a construil-a com o oiro da sua escar-

cella imperial. Depois, lhe chegaram esmolas das provincias, presentes em moeda de leudes e de reis distantes. E, assim, as obras proseguiram. Agora que iam ser terminadas, vinha a morte impedil-a de ver realizado o seu maior desejo e ao mesmo tempo a promessa que fizera, quando duma doença, á Virgem sua padroeira. Que a basilica fosse concluida e que nella a enterrassem, era tudo quanto pedia á hora da morte. Carlos Magno prometteu e cumprio a promessa.

Morta a imperatriz, os trabalhos de construcção não se interromperam. Todas as semanas saccos e mais saccos de oiro sahiam do erario imperial, para o pagamento dos salarios dos artifices empregados. E em puro estylo romano, com os arcos ornamentaes e as columnas de capiteis floridos, com as capellas simples e as altas janellas geminadas do côro, com as cupolas e as cruzes estylizadas, a basilica foi nesses

dois annos surgindo dentre os taboados rudes dos andaimes.

Logo que o mestre dos alvaneis foi dizer-lhe que até o acafelamento das paredes estava findo, o imperador veio com alguns dos pares visitar o monumento religioso. Alli mesmo, de pé sob uma abobada, a mão direita acarinhando as barbas brancas, determinou que se benzesse o edificio com toda a solemnidade no dia seguinte ao da chegada do ultimo bispo, dos que mandára convidar por todo o immenso imperio, afim de acolytarem o santo padre Leão, papa e bispo de Roma, que da Italia distante viera presidir a cerimonia. E, com os olhos faiscando de orgulho, accrescentou que o chefe da christandade seria assistido por tantos bispos quantos dias tinha o anno, e que nunca no mundo se vira uma festa religiosa igual áquella. Nunca se veria, affirmaram em côro os cortezãos.

Já o bispo de Roma estava em

Aquisgram, hospedado no paço imperial. Trouxera em sua companhia os bispos da Lombardia e pelo caminho arrebanhára os da Helvecia. Os da Gallia, da Borgonha, da Austrasia, da Neustria, e da Bretanha tinham chegado. Havia outros, nas hospedarias dos arredores, vindos da Baviera e da Thuringia, da Belgica e da Navarra, das altas montanhas da Rhetia e mesmo dos paizes mais longinquos ainda, semi-pagãos como os das marcas do Oriente e das regiões habitadas pelas tribus slavas.

Emfim, um dia o papa foi informado de que os trezentos e sessenta e cinco principes da Igreja estavam reunidos na capital do imperio. Affirmou-o o Papa em audiencia solenne, ao imperador, que resolveu se faria no dia seguinte, pela manhã, a benção e consagração da basilica da imperatriz defunta.

Nas ruas torcicollosas que levavam

do paço á egreja, filas de homens de armas, de pé, apoiados ás lanças e ás achas de guerra, continham a multidão curiosa. Por entre ellas, caminhava o cortejo papal e imperial, ao lento som das sacabuxas e dos atambôres mouriscos. Primeiro, o successor de São Pedro, com a tiara refulgindo á cabeça e a capa côr de amethysta, cobrindo as alvas ancas da mula ajaezada de cordovão vermelho e oiro; ao lado, o Imperador, a corôa de facetas semeadas de pedraria faiscando sob os raios do sol, segurando com a sinistra as redeas chapeadas do negro cavallo de guerra, erguendo na dextra o sceptro de oiro massiço. Rodeando-os, os pares de França, os condes palatinos, os senescaes, os escudeiros, alguns cancellarios e clerigos com cruzes alçadas. Depois, em filas de cinco, precedidos de archeiros e seguidos de padres e chantres, os pluviaes rôxos açoi-

tados pelo vento e as mitras ricas faúlhando, todos os bispos do imperio.

Mas, quando desfilaram os das dioceses ricas e conhecidas, e vieram os do Baltico e do Danubio, os primeiros de dalmaticas historiadas com côres berrantes, os outros de çafões campesinos de pelles, cobertos de simples mitras de panno crucigiado, o povo, que os ia contando, soltou um grito de incredulidade e de espanto. Só havia trezentos e sessenta e tres. Não era exacta a noticia que haviam levado ao Papa e que este déra ao Imperador.

Logo, aquelle rumor chegou aos ouvidos, e a sua razão, ao conhecimento de Leão e de Carlos Magno. Ambos detiveram as montarias. O soberano, olhando de máu modo o santo padre, exclamou, rudemente:

— Eu jurei só consagrar a egreja de minha esposa morta com a presença de trezentos e sessenta e cinco bispos

do imperio e cumprirei o meu juramento.

Um dos cancellarios, homem erudito e sagaz, discipulo de Alcuino, dirigio-se respeitosamente ao monarcha:

— Senhor, todos os bispos do imperio accorreram ao vosso convite. Pensou-se ao principio que eram trezentos e sessenta e cinco, mas, verificando-se os livros da Curia, chegou-se á conclusão de que no vosso imperio só existem os trezentos e sessenta e tres que aqui estão.

Carlos Magno sorriu com desdem. Bateu fortemente com o sceptro pesado no arção da sella e disse, de modo a cortar toda e qualquer intromissão, por palavras e actos, dos presentes:

— Eu jurei ! E, emquanto os dois restantes não chegarem, ninguem do cortejo arredará pé.

Todo o vasto sequito immobilisou-se nas ruas sob o calor do sol, e as horas fôram lentamente passando. Quando

já a tarde se avizinhava, o Papa, seguido de todos os bispos, pôz-se de joelhos e mentalmente rogou á alma da bem-aventurada Fastrada que de todos se amerceasse e por elles implorasse de Deus um milagre que os tirasse daquella incommoda situação.

Mal aquelles labios todos terminavam as supplicas, um tropel de cavallos resoou na çaga do cortejo e entre a poeira levantada pelos animaes se viram as faces lividas de dois bispos, cujas orbitas a muitos da arraia miuda, que se benzeram, pareceram vasias. O imperador, então, ergueu o sceptro e toda a longa procissão caminhou para a egreja.

Nessa tarde, o Papa Leão benzeu e consagrou a basilica da Imperatriz Fastrada, acolytado por tantos bispos quantos dias tem o anno. Porém, depois da cerimonia, os dois recem-chegados, que um official do imperador

procurava, desappareceram como por encanto. Delles ninguem sabia noticias.

No fim da mesma semana se soube, no emtanto, pelo bedel da cathedral de Maestricht, que, no dia exacto da consagração da basilica, tinham, com espanto do povo e do cabido, ficado, durante horas, abertos os tumulos de dois velhos bispos de Tongres, sepultados naquella egreja. E todos os burguezes de Aquisgram acreditaram que fôram elles, por ordem de Deus e a pedido da soberana morta, que vieram completar o numero exigido por Carlos Magno, afim de não ficar detido ao meio da rua e sob a soalheira o santo Papa Leão.

O SINO DE PRATA

No fim do seculo oitavo, quando Clotario, rei de França, foi excommungado pelo papa Zacharias, Vinifredo, bispo de Moguncia, deu á egreja de Velmich, que acabava de ser construida, um grande sino de prata massiça. A sua voz poderosa e limpida écoou desde então pelos valles da vizinhança, alegremente, de manhã, acordando os seareiros retardatarios, chamando os fieis á oração; tristemente, de tarde, tocando as ave-marias, despedindo-se da luz do sól moribundo, annunciando a noite escura e má. Até aonde chegava o seu som, os camponios o distinguiam de qualquer outro, quer dobrasse lentamente a finados, quer repicasse festivo, abençoan-

do baptizados e nupcias. E aquella voz argentina e bôa se identificou de tal modo com a alma da gente e da terra, que um dia, quando raiou o sól e elle não resôou, convidando todos á missa costumeira, homens, mulheres e crianças sahiram das casas e começaram a se agrupar na praça da aldeia, murmurando espantados.

A egreja estava aberta, escura, vazia. Todo o mundo olhava para ella e não tinha coragem de entrar. Havia em todos os corações uma ansiedade e um receio de más noticias. Muitas mulheres rezavam baixinho. E no olhar franco e dôce das crianças erravam uma curiosidade e um temor. Tudo, porque o bom e velho sino de prata amanhecera calado.

Quando o sacristão appareceu no adro coalhado de villões, livido e tremulo, todos o cercaram indagando sofregamente o que havia. O velho servidor do templo, resfolegante como se

viera de longa corrida, apontou com o braço descarnado para o lado do norte. Todos se voltaram e viram sómente, por cima dos telhados rubros das ultimas casas da povoação, no cume de alcantilado penhasco, o negro castello do barão de Falkenstein, mais negro do que a sua alma medieval de fidalgo salteador. Quando de novo se voltaram, o ancião estava cahido de costas, desmaiado. E foi uma das suas filhas, a loura Edwiges, quem narrou ao povo assombrado o que acontecera.

O castellão, que estava carecendo de muito dinheiro para sustentar a guerra contra poderosa familia vizinha, não podendo lançar mais impostos sobre os esfalfados vassallos, resolvera mandar derreter o antigo sino de prata do bispo Vinifredo, convertendo-o em grandes moedas cunhadas com o seu escudo, para o pagamento da mesnada de servos e de mercenarios. Mandára por alguns besteiros arrancal-o á noite do

campanario, transportando-o para a honra altaneira e oppressora.

Logo de madrugada, o senhor prior, um velho de setenta annos, sabendo do máu feito, enfiou a sua cásula crucigiada de ouro em fundo violeta, passou ao pescoço a estola branca, metteu no braço os manipulos de linho claro e, tropeçando, cahindo, arrimando-se ao bordão, subiu o carreiro ingreme que levava ao castello. No terreiro, trepando ao pedestal da alta forca, gritou para o homem de armas de quarto nas cancellas da barbacan que desejava falar ao senhor barão. Deixaram-no exposto ao vento frio mais de uma hora, enrouquecendo de gritar o seu recado. Por fim, consentiram que entrasse na cerca e fizeram-no atravessar a levadiça entre a risota dos acostados brutaes.

O barão esperava-o na sala d'armas, rodeado de senhores e coudeis, sentado numa cadeira larga de alto espal-

dar pregueado, sorridente e desdenhoso. Perguntou-lhe:

— Que quereis, padre?

E o velho, serenamente:

— Em nome de Deus, vim pedir-vos que restituais, sem detença, á minha egreja o seu velho sino de prata.

O castellão gargalhou. Toda a gente gargalhou com elle. Depois, respondeu:

— Não vol-o dou, nem em nome de Deus, nem em nome do Diabo, que é o meu padroeiro. E aconselho-vos a ceder-mo sem tugir nem mugir.

O sacerdote cresceu dois palmos, desencurvou-se como velha arvore que se prepara para resistir ao vendaval, e falou com energia e calma:

— Podereis tomal-o pela força, senhor; mas eu não vol-o darei nunca, porque não é meu e sim de todos, e reclamarei o vosso castigo, como violador dos direitos da Egreja, perante o Imperador e perante o Papa!

O barão de Falkenstein pôz-se de pé. No rosto afogueado, os olhos glaucos, desmesuradamente abertos, rapidamente se injectaram de sangue.

E, tartamudeando, porque a raiva o suffocava, gritou aos asséclas:

— Elle quer o sino e tel-o-á eternamente. Amarrai-o ao seu pescoço vil e atirai-o ao fundo do Poço dos Gemidos! Vamos, depressa!

O poço era um buraco negro e profundo, no andar terreo da torre de leste, cheio de podridão, de animaes immundos e de ossadas, onde se lançavam os bufarinheiros e cambiadores que não tinham podido pagar ao rapinante senhor feudal que os aprisionara, avultado resgate. Os rudes soldados levaram o prior, maltratando-o, até a beira do fosso horrivel, onde elle se ajoelhou e fez rapida oração. Depois, voltando-se para os verdugos e para a face pallida já do castellão que os acompanhára, disse:

— Faça-se a vontade de Deus. Estou prompto!

Ataram-lhe as mãos ás costas, amarraram por uma corda o fragil pescoço á argola do pesado sino e empurraram ambos para o abysmo. Ouviu-se um rumor de metal de encontro ás pedras. Mas nem um gemido humano. Nada mais!

A loura Edwiges, quando acabou a narração, vio laminas de armas reluzirem por entre o povo e ouvio gritos de sedição:

— Ao castello! Ao castello!

Mal findavam os gritos, uma escala de cavalleiros surgia no adro de lança em riste, ou brandindo espadas. A multidão dispersou-se, batida e perseguida. Um sargento enfiou a ponta do gladio no peito do sacristão desacordado. Outros levaram atravessadas sobre os cavallos, á força, brutalmente, para nellas cevarem os desejos desaçaimados, as duas filhas do pobre morto,

a delgada e franzina Gertrudes, que tinha quatorze annos, e a loura Edwiges, que contara na praça o martyrio do prior.

Foi um lento dia de agonias o que passou e foi uma noite de agonias, mais lenta ainda, a que lhe succedeu. Mesteiraes e seareiros encolheram-se nas casas, estremecendo e rezando ao ouvirem o som cavo do trotar dos cavallos de guerra das rondas ferozes, que constantemente passavam. Ninguem, dormio com medo. E, á meia noite em ponto, todo o mundo ouvio a voz soturna do sino de prata, dobrando a finados!

Não vinha da torre esguia da egreja da aldeia, mas de dentro da terra e dahi o tom dolorido e pesado. Vinha de dentro da terra e do lado do castello! As rondas recolhiam apressadas. As gentes amedrontadas sahiram das casas para a noite fria e enluarada, calma e immensamente triste, enroladas nos

çafões de pelle de ovelha, resmungando orações. Luzes passavam entre as ameias e pelas lumieiras do castello, lá no alto do pincaro. E a voz mysteriosa, profunda e ameaçadora do sino continuava a resoar no vasto silencio nocturno.

O besteiro, que desceu do solar, afim de procurar na aldeia um physico genovez que estava hospedado no albergue do Ganço Preto, disse ao povo, por onde passou, que, tendo adoecido de repente, o burgrave de Falkenstein expirava. Com effeito, quando dahi a momentos a ultima badalada do sino morreu no ar, o senhor feudal fallecia, todo retorcido de dôr!

E desde essa época, até o anno da terceira cruzada, quando se acabou a familia de Falkenstein, o sino de prata, perdido no fundo do poço entre as ossadas do prior e das victimas do ladrão feudal, dobrava dolorosamente pela noite além, toda a vez que falle-

cia um senhor do castello. O ultimo barão da familia, Hugo de Falkenstein, pereceu na Terra Santa, combatendo os infieis. E, quando elle morria nos areaes da Palestina, o sino annunciava a sua morte nos valles da Allemanha!

A ABBADIA DO BICO-SANTO

Rezam as mais velhas chronicas populares da Egreja que, quando S. Nicodemos ajudou a descer o Senhor Morto do alto da cruz, no escalvado tôpo do Golgotha, piedosamente recolheu o sangue que ainda corria das chagas divinas num dedo da sua luva. E logo sahio pela Palestina afóra, obrando portentosos milagres.

Curava cégos, sarava leprosos, levantava paralyticos, protegia infelizes, resuscitava mortos ao simples contacto do sangue de Christo guardado naquelle pequeno envolucro. E sómente um unico milagre Nicodemos não praticou, porque esse nunca o realizaram completamente os enviados de Deus sobre a terra, antes do Christo

ou depois da sua Paixão Redemptora: dar intelligencia áquelles que della nasceram privados.

Os judeus malignos, os sectarios de Hannan e de Kaipha, todos aquelles que no Pretorio de Pilatos, deante da loba romana, preferiram Barrabás a Jesus, os phariseus hypocritas, os sadduceus impios, os servos do templo, os mercadores despeitados com a sua expulsão, todos os máus que se julgavam vencedores do Messias, começaram a fazer a Nicodemos a mais terrivel guerra. Perseguiram-no por toda a parte, accusando-o de sortilegios e de crimes. Queixaram-se a Herodes e ao Pretor que atirava maleficios aos campos, que fazia as mulheres abortarem com o olhar, que destruia com as sandalias malditas as sementeiras novas e que polluia os santuarios, por onde quer que andasse, na Samaria, na Peréa, na Judéa, mesmo na Iduméa, de onde chegavam noticias de suas maldades.

E tudo isto fazia por ter guardado num pequeno sacco sangue de gente morta.

A cada novo milagre realizado por Nicodemos com o poder do talisman, mais venenosa baba vomitavam sobre sua reputação os detractores. Então, Poncio despachou um decurião com soldados, para o trazerem vivo á sua presença, e o Grão-Sacerdote mandou seis nethenins do Templo tomar, onde quer que o encontrassem, o milagroso saquitel.

Nesse tempo, S. Nicodemos ia de Askalon para Gaza, beirando o mar. Sentindo-se perseguido e sabendo o que delle queriam os inimigos ferozes, abateu com uma pedrada uma gaivota, arrancou-lhe o bico, nelle encerrou o sangue divino, tapou o orificio com cêra e do alto duma penha atirou-o ao mar. Quando nethenins e legionarios o levaram amarrado a Jerusalém, não encontraram mais em seu poder o talisman sagrado.

Passaram-se depois desse facto mil e duzentos annos. E durante tantos centenarios as ondas do mar embalaram o bico com o sangue de Nosso Senhor. As correntes, obedecendo á Providencia, trouxeram-no da costa asiatica para o oceano Atlantico através do Mediterraneo. E, ás vezes, ao meio duma borrasca violenta, os marinheiros espantavam-se que tudo de subito se acalmasse como por milagre: era o santo bico da gaivota que silenciosamente deslisava sob as aguas !

Aconteceu que, no decimo segundo seculo, um duque da Normandia, embora generoso e bom, amava demasiadamente a caça. Descurava ás vezes o proprio governo do seu povo para se preoccupar mais com o treinamento de falcões, sacres, ou gerifaltes, com a educação de lebréos, de podengos e de fraldiqueiros. Quando não fazia grandes montarias com servos de libré brazonada, matilhas numerosas, fidal-

gos e donas, matando aves e quadrupedes com béstas, áscumas, armadilhas e dente de cão, ou bico de açôr, ao som das trompas e da gritaria dos caçadores, bebendo em torno das pilhas de cadaveres sanguentados, sahia com falcão, ou com lebréo, a passarinhar sósinho, ou a apanhar coelhos, ora a pé, ora a cavallo.

Uma feita, dirigia-se para os lados do mar, por sobre as collinas floridas pela primavera, quando os seus dois alões negros perseguiram grande veado, latindo para prevenil-o. Picou o palafrem argél em perseguição do esplendido cervo, cujos galhos avistava por entre os arbustos. Os cães acuaram-no entre uma ribanceira e o mar. O logar alcantilado não permittia a approximação de um cavalleiro. O bom duque de Normandia apeou-se, e, desembainhando a grande faca de caça, começou a descer o declive aspero, apoiando os saltos das grossas botas

nas fortes touceiras de joinas. E, sem que soubesse explicar por que motivo, ao seu espirito, nessa occasião, acudio a lembrança da lenda maravilhosa de Santo Huberto, que, indo caçar numa sexta-feira, encontrou um veado com uma cruz luminosa entre os galhos e desde então renunciou ao barbaro prazer.

Era verdade que, uma vez, a sua defunta mulher lhe exprobrára a paixão da caça, que inteiramente o dominava, lembrando-lhe aquelle exemplo. Era verdade tambem que, de outra vez, o seu senescal, aborrecido com o seu desprezo pelas questões da causa publica, lhe recordára o mesmo exemplo, fazendo votos para que Deus logo o realizasse, afim de que o soberano, liberto do vicio de caçar, melhor se dedicasse á direcção do ducado e aos cuidados da familia.

Fazia todas essas reflexões, descendo a escarpada riba. A mão que empu-

nhava a lamina amolada tremia. O coração preságo como que adivinhava qualquer cousa. Quem sabe aquelle cervo desgarrado naquellas paragens não seria mensageiro do Céo?

Descera toda a rampa. Os tacões enterravam-se na areia clara da praia. Sob o oiro do sol, a esmeralda liquida do mar rebrilhava, laivada de frisos de espuma branca, como as nuvens pequenas que se perdiam no alto azul do firmamento. Apartou arbustos com a mão em que a arma luzia. Olhou com espanto a praia limpa e cahio de joelhos, atirando ao chão a adaga, para fazer lentamente o signal da cruz!

A' sua frente, o grande veado estava ajoelhado. De cada lado delle, um dos alões negros tambem se ajoelhára. O mar rolava em silencio. O vento parára. E uma como luz suave e dôce envolvia o grupo extatico dos três animaes de joelhos.

O veado poz-se inteiramente de pé. Os cães o imitaram. E os tres bichos começaram a cavar a terra até que uma fulguração sahio dentre a areia revolvida. O duque arrastou-se até alli, de joelhos, e, sem saber como, as mãos febris se apoderaram de um bico de ave marinha, cujo contacto lhe deu uma força mysteriosa. Trazendo-o nas mãos erguidas, acompanhado pelo cervo e pelos alões, voltou lentamente ao castello, onde o capellão abrio o milagroso objecto. Mas não chegou a esvazial-o de todo, porque logo após a cêra encontrou um pergaminho amarelecido, no qual S. Nicodemos contava a origem daquelle talisman, os milagres que com elle obrára, as perseguições que soffrera, e como e por que o lançára ao mar.

No logar em que foi encontrado, o duque da Normandia fez erigir grande mosteiro, em cuja egreja a reliquia foi guardada dentro de um bico

de oiro. E foi assim, segundo Estienne, autor da "Apologia de Herodoto", que se construio naquella praia deserta a celebre Abbadia do Bico Santo de Helluin.

CAJADO DE LUZ

Era, naquelle tempo, terrivel e abundante o numero de lobos que, sahindo dos pinheiraes e descendo dos montes, infestavam as planicies, devorando os rebanhos e mesmo os pastores. Por isso, esses não abandonavam um instante a carneirada, armados de grandes varapaus de zambujo, de chuços ou de manguáes, cercados de cães de guarda das raças maiores e mais fortes.

Si, durante o dia, quando o calor do sol augmentava e a viração esmorecia de todo, parecendo que as folhas das arvores eram de bronze recortado, os pastores ficavam á beira dos regatos, abrigados a uma sombra, soprando a flauta triste, para não dormirem á sesta; ao crepusculo, quando recolhiam o

gado, maior ainda era a vigilancia. Não podia haver descuidos. Os lobos andavam esfaimados e sua desfaçatez crescia dia a dia. Nem se ajuntavam em alcatéas para assaltar um redil. Um casal delles affrontava os servos de uma granja e acabava por se apoderar de um borrego, de um vitello, fugindo depois para os matagaes, onde outros casaes famintos erravam, uivando terrivelmente.

De onde vinham, que nunca naquella região amavel e farta se haviam visto tantos, e tão ávidos? perguntavam entre si os camponios assombrados. Vinham do norte, diziam os bufarinheiros que atravessavam as aldeias, de retorno da Polonia, ou da Borussia, onde se haviam hospedado num castello da Ordem Teutonica. Vinham de paizes distantes e ignotos, habitados por um povo que se assemelhava aos tartaros, nos habitos, no comer e no vestir, um povo de frecheiros habeis e de caval-

leiros inexcediveis; de paizes que, durante seis mezes, se cobriam de neve, onde constantemente cahiam plumas brancas do céo, onde as planicies monotonas se estendiam a perder de vista com aguas de lagôas, de pantanos e de rios alumiando.

Vinham de lá, trazendo na alma feroz a fome dos longos invernos, curtida através de gerações de lobos. Eram acinzentados e tinham olhos de braza. Todos os pegureiros os temiam, mesmo o destemido Hans, que era o rapaz mais forte e de mais bem provada valentia daquellas paragens, o que matára a faca, braço a braço, numa noite de lua, o grande urso preto que estragava todas as colmeias da vizinhança. Até esse moço de vinte e dois annos, resistente como um touro, de rija musculatura e de alma ainda mais rija, temia os lobos, maximé quando o outomno se avizinhava, e elle sabia que era a época em que as lobas deitam as

ninhadas e precisam de se alimentar, para darem leite aos lobatos vorazes.

Justamente nesse perigoso tempo, estava attento ao meio das pastagens da ribeira dum corrego, olhos fitos num bosque fronteiro, de onde partiam uivos lentos, com as ovelhas medrosas circulando-o, quando uma delicada mão lhe pousou no hombro. Voltou-se repentinamente e deu com os olhos, claros e bons, profundamente bons, dum homem idoso, coberto por esfarrapado alquicé e arrimado a nodoso bordão de viagem. O passageiro, sorrindo, perguntou-lhe si sabia o caminho que levava ao castello de Weissart. Tornou-lhe que sim, que o percorrera já muitas vezes, que não era curto nem facil. E o viajante, com uma voz dôce e ao mesmo tempo extranhamente poderosa, pedio-lhe que o guiasse até lá.

— Mas não posso, senhor, respondeu o zagal. Não ouvis o uivar constante dos lobos? Elles andam famin-

tos, o caminho é longo, só poderei estar de volta ao anoitecer, meus cães, sem a minha presença, fraquejarão deante das bêstas e, quando eu chegar, os malditos salteadores terão devorado as mais gordas badanas. Eu não posso, senhor; porém, vou ensinar-vos como haveis de ir ao castello...

O desconhecido interrompeu-o, e, com a sua voz singela, dôce e profunda, voz que tinha uma força inilludivel, disse-lhe:

— Não. Venha commigo. Não deixe um pobre velho fatigado perder-se pelos carreiros ingremes da montanha, errar pelas azinhagas sinistras, á meia luz do dia moribundo. Ensine-me o caminho, guiando-me. Deus velará pelo seu rebanho, prometto-lhe eu!

Olhou-o com a profunda bondade dos olhos claros, passou a mão descarnada e leve pela longa barba branca, que lhe varria o peito magro, e, fincando depois o cajado retorcido e cheio

de nós no chão, affirmou ao pastor admirado, hesitante e trabalhado por uma força desconhecida:

— O meu bordão substituir-te-á durante a tua ausencia. Vamos !

Hans moveu-se, encaminhou-se para o trilho que conduzia ao solar, silencioso, ouvindo o uivar da lobaria esfomeada nos pinheiraes escuros e insondaveis. O velho, sorridente, seguio-o. Andaram assim muito tempo, ora perdendo-se no escuro das sombras fartas de carvalhos, ora pisando as folhiças amarellas, estralejantes dos olmeiros, que a briza do outomno comeɔava a destoucar, ora subindo lombadas de comoros, ora descendo-as, até que, á sua vista, surgiram, no tôpo dum serro, as torres ameiadas do castello de Weissart.

No alto duma, o vento brincava com a signa heraldica desfraldada. No alto doutra, o sol brincava na celada de aço duma sentinella. O velho estendeu

a mão pallida e fina ao pegureiro, e falou:

— Agora, filho, podes voltar, e que Deus te pague a tua bôa acção e a tua canceira!

Hans beijou aquella mão fria e transparente, olhou ainda uma vez o lume de immensa, infinita bondade, daquelles olhos que o impressionavam, e deitou a correr para o rebanho. Entardecia. Gritos lupinos varavam constantemente o espaço, e, quanto mais elle se approximava da ribeira de onde o estranho viajante o arrancára, mais altos, mais ferozes eram esses gritos. Estava quasi certo que as ovelhas e os carneiros estavam sangrados, e arrependia-se, mentalmente, de ter cedido ao impulso que o levára a guiar o velho, que, talvez, nesse instante, risse da sua ingenuidade, lamentando ter perdido, para conseguil-a, o seu grosso cajado. Mais perto do corrego, ouvindo o cantar das aguas nos seixos po-

lidos, estugou a carreira. Parecia-lhe que sombras de féras passavam á sua frente, atravessando o caminho. E, resfolegando, arquejando, chegou ao logar de onde partira.

Escurecia. Em todas as collinas dos arredores, as cabeças dos lobos espreitavam, as orelhas pontudas mexiam. O rebanho e os cães, no emtanto, dormiam socegados, em torno do nodoso bastão do peregrino, que no fundo escuro da paizagem, rebrilhava todo, como se todo elle fôsse feito de luz ! E, toda a vez que o circulo de féras procurava avançar, elle ficava mais luminoso ainda, e ellas recuavam com uivos de dôr. Os mastins, as ovelhas resomnavam tranquillamente. Então, o pastor cahio de joelhos, e alli ficou muito tempo prosternado, rezando.

Só muitos annos depois se soube que S. Deicole visitára, dessa maneira, aquella terra venturosa, onde nunca mais os lobos do norte appareceram. Nunca mais!

O MENINO JUDEU

Samuel Ben Levi era um dos mais ricos e influentes banqueiros judeus da cidade de Marselha, onde as correntes da judiaria se fechavam ás ave-marias, muito antes do toque de cobre-fogo, e onde todos os habitantes eram obrigados a andar com uma roda amarella no peito do casacão escuro. Apesar desses rigores, a população judia prosperava e vivia em paz no seu bairro vedado aos christãos, de ruas estreitas e sujas, torcendo-se entre altos muros com raras janellas gradeadas e riscadas de gelosias. Entretanto, dentro daquelles muros tristes, havia riquezas sem par, aposentos confortaveis, jardins cheirosos com aguas cantantes, todo o luxo oriental que a christandade

rude ignorava. E por trás das reixas espiavam curiosamente os grandes olhos negros sensuaes das mais bellas mulheres do mundo.

Os judeus de Marselha eram riquissimos e poderosos. Dominavam, manejando as finanças, o commercio do Mediterraneo e tinham correspondentes e espiões nos *ghettos* de todas as cidades mercantis das costas, desde o mar Tyrrheneo até o Levante, em Livorno e em Palermo, em Adria e em Fiume, em Veneza e em Ragusa, em Vallona e em Corynthо, na ilha de Creta e na capital dos sultões. Entre elles, o mais poderoso, o mais aspero no ganhar e guardar, o mais profundamente fanatico da lei mosaica era, certamente, esse Samuel Ben Levi, que já não sabia mais a conta dos saccos de oiro empilhados nos subterraneos secretos da rica morada e a quem as republicas italianas pediam constantemente dinheiro emprestado para as guerras san-

guinolentas. Até diziam que pagava a *condottieri* astutos para que provocassem as lutas, em que seus espantosos lucros eram certos como prestamista. E muitas das rusgas entre Piza e Florença, muitas das guerras entre Genova e Veneza, provieram tão sómente do oiro do judeu, que ria da insanidade dos christãos que se matavam entre si.

Samuel era viuvo e havia perdido todos os filhos, menos o pequeno Isaac, de dez annos de edade, que só servia para lhe dar desgostos. Imagine-se que tinha profundo horror á synagoga, onde só ia assistir aos officios e prédicas dos rabbinos forçado pelo pae. Uma feita, até provocára escandalo de todos os presentes, porque resomnára fortemente, emquanto se fazia a leitura do Talmud e de um dos mais profundos capitulos da Thora.

Sentia-se nesse filho degenerado da raça teimosa e forte de David verdadeiro asco pelos proprios irmãos,

que, apesar da sua pouca edade, resaltava nas menores acções. Comia ás escondidas no jejum da Paschôa. Rasgava na escola da judiaria as fôlhas da Biblia. Revoltava-se contra o mestre e atirava-lhe pedras na rua.

Ao principio, o judeu supportou com paciencia todas essas mácriações. Porém, com o tempo e a continuação dellas, foi ficando desgostoso e enraivecido. Vendo que as admoestações e reprehensões não produziam resultado, applicara castigos. O menino sujeitava-se a elles com humildade. No emtanto, mal acabava de cumpril-os, praticava de novo os delictos pelos quaes os mesmos lhe haviam sido impostos. Nada o corrigia. E a vizinhança murmurava que, si a sua defuncta mãe não tivesse tão bons costumes, era o caso de se pensar que elle fôsse filho de qualquer desses christãos nobres e elegantes, que rondam as judiarias, tentados pelos olhos negros entrevistos

através das reixas, afim de levar a deshonra ao lar dos judeus que não sejam precavidos.

De onde lhe vinha essa rebeldia constante contra todo o ambiente que o cercava? Ninguem o sabia, a não ser o escravo negro, que o velho Samuel comprára a um capitão de corsarios, afamado por preparar pratos deliciosos, que occultava a sua crença christã e della contava ao menino maravilhosas cousas, ás escondidas. Ora, os livros da synagoga eram estereis e desagradaveis, emquanto a doutrina do escravo faulhava de luz e de esperança. O espirito da criança deu-se-lhe totalmente.

Entravam já certas desconfianças do facto no espirito arguto e observador do judeu. Dias e dias andou meditando no que poderia fazer para surprehender a verdade e para castigar os culpados, o que ensinava e o que aprendia, embora este fosse seu filho. Mas

Iaveh não ordenára ao santo Abrahão o sacrificio de Isaac ? Não reluctaria tambem um só momento em castigar no proprio filho aquella infidelidade religiosa, que o seu espirito mal comprehendia e o que o seu estreito e dogmatico fanatismo não podia consentir.

Apesar de sua espreitança, nada conseguiu apurar, porque ambos, si algo havia entre elles, fingiam a maior estranheza um para o outro. E de tal maneira se comportaram nesse sentido, que, cançado de esperar uma prova, o banqueiro desistio de tirar a limpo o segredo.

Devido ao seu genio irascivel, que trazia todos os de casa em sobresalto constante, ninguem, nem o proprio pae, procurava tolher ao pequeno Isaac a excessiva liberdade de que gosava e que na sua edade não se póde ter. Elle sahia á hora em que queria, andava por onde queria e voltava quando queria. A's vezes, vinha rôto e sem sapatos. Ti-

nha dado as roupas e as calçaduras aos pobres, pelos caminhos. E, deante desse exemplo, o pae se firmou na crença de que o pobre filho era amalucado. Então, deu-lhe maior liberdade ainda, nunca mais o contrariou e nelle punha sempre os olhos cheios de lagrimas, com infinita piedade.

Mas dessa triste illusão dolorosamente sahio numa tarde clara e fresca em que fôra ao cáes conversar com o capitão duma zavra esclavonia, a respeito dum embarque de fazenda para Durazzo e da cobrança dumas dividas em Spalatro. De volta, vinha remoendo as contas de juros, calculando os lucros dumas transacções, quando ouvio soar na torre da cathedral as cinco e meia da tarde. Faltava meia hora para que os guardas do bispo e do governador corressem as pesadas correntes da judiaria. Precisava apressar o passo, pois, si as encontrasse fechadas, teria que passar a noite na prisão e pagar

avultada multa, o que era muito peor. Levantou os olhos para a egreja e vio, com o mais profundo espanto e a mais horrivel dôr, della sahir, correndo, o pequeno Isaac.

Quiz gritar e a voz sumio-se-lhe na garganta. O menino não o vira e desapparecia ao longe pela rua em fóra. E elle, dirigindo-se ao lar, sentia as lagrimas descerem uma a uma, lentamente, dos olhos doloridos. Depois, lhe veio uma raiva terrivel daquella traição á raça, á familia, á religião do Deus Unico, Ciumento e Vingativo, que o povo de Israel apertava sobre o peito como o maior thesouro e que as perseguições, os ultrages, a fogueira, nada fazia abandonar. Era sobre a sua casa que desabava aquella maldição ! Por que fôra elle escolhido para criar no seu proprio lar uma vibora mais traidora para os judeus do que fôra o execrado Judas de Kerioth para os christãos?

Foi demudado e torvo que penetrou em casa. Estava pallido como um defunto e ligeiro tremor lhe agitava as pontas aduncas dos dedos. Fez vir o menino á sua presença e indagou o que fazia na egreja.

— Fui ouvir um sermão muito bonito, meu pae.

Os seus ouvidos azoinaram áquella resposta. Sentio que suava frio. Perguntou mais rouco:

— Então, és christão e por isso nos detestas a nós todos os circumcidados, á tua gente, á tua raça? Então, és do lado dos que nos perseguem, nos pregam ao peito uma marca amarella, nos injuriam, nos aviltam, nos negam todos os direitos, nos encerram num bairro fechado como si fôssemos leprosos? Então, renegas ao teu Deus, á tua fé?

A sua raiva crescia. Gaguejou ás ultimas palavras. Calmamente, a criança replicou:

— Sou christão, porque a graça de

Deus assim o quiz, porque Jesus, o mais dôce dos rabbinos da tua raça, entendeu de salvar a minha alma. E tanto foi elle que me mandou illuminar a alma para seguir o seu caminho, que toda a vez que olho para a santa hostia, elevada no ar pelo padre na missa, vejo-a resplandecer como uma chamma!

O menino falava de olhos cerrados, como numa inspiração. A sua voz trahia a robustez de fé de um homem feito. O judeu sentia a raiva estrangulal-o. Estrugio:

— Ah! miseravel!

Dum pulo segurou-o pelo pescoço, apertando-o, dilacerando-o com as unhas! Enrolou-o num velho tapete persa que cobria uma mesa e correu com o filho assim embrulhado para o interior da residencia.

Na cozinha, afastou aos pontapés o escravo christão, abrio como louco, gargalhando maldições, a porta de fer-

ro do forno, onde assavam pães, e lá dentro atirou o corpo quasi immovel do filho, envolto no velho tapete de Teheran! Bateu a porta e, febrilmente, lançava braçadas de achas de lenha ao fogo que aquecia o grande forno. Rugia a espaços, careteando como um demonio á luz das labaredas crepitantes:

— Racca! Racca! A maldição de Iaveh te cubra e que nunca mais outro trahidor egual a ti appareça entre o povo errante de Israel!

Passou uma hora nesse trabalho louco, sósinho, a longa barba branca molhada de suor. Depois, abrio o forno. Um perfume suave encheu toda a cozinha e, lá de dentro daquelle compartimento suffocante e ardente, o filho, ó espanto! veio andando, sorridente, vivo e calmo, até a sahida, dizendo com a sua voz infantil e ao mesmo tempo mysteriosamente profunda:

— Salvai vossa alma, meu pae!

Samuel Ben Levi cahio de joelhos e entre soluços supplicou:

— Perdoai-me não ter sempre acreditado em vós, ó Messias, meu Senhor, Jesus filho de José!

Nessa mesma noite, o mais rico banqueiro de Marselha entrava no convento de S. Francisco para ser baptisado e ali viver como irmão-servo, tendo doado toda a sua fortuna aos pobres da cidade.

O BURRO DE SÃO CELESTINO

Matteo era um pobre lavrador dos arredores de Roma e, de todas as dôres que a sua situação de servo feudal lhe trazia, a peor era vêr a vida triste do seu unico filho, o pequenino Guido, cujos olhos azues nunca sorriam, porque nascera entrevado de ambas as pernas. Magras economias guardadas com sacrificio, pae e mãe tinham dado a charlatães e astrologos, os quaes nenhuma melhora traziam á pobre criança. Quando a mulher de Matteo acabava os serviços domesticos e vinha sentar-se á porta da choupana, olhando na vasta campina romana o vulto negro do tumulo de Cecilia Metella, e via os meninos da vizinhança correndo a jogar a malha em estrepitosa ale-

gria, punha as mãos, rezava baixinho, contritamente, e sentia os olhos cheios de agua. O marido chegava do aspero labor agricola, depunha o ancinho, ou a foice, sob um telheiro e ficava parado deante della, olhando-lhe os olhos lacrimosos, com os seus, ainda mais humidos. Ambos entravam na cabana, para o frugal repasto da tarde, beijando longamente no pequenino catre, a um canto, o infeliz entrevadinho. E, levando á bocca as colheradas de sôpa, ás vezes nellas sentiam o amargor das lagrimas.

Ora, nesse tempo, São Pedro Celestino vivia em oração e extase no deserto de Morron, habitando uma gruta e alimentando-se de raizes e de amoras silvestres, emquanto a fama de sua santidade enchia a Italia e começava a espalhar-se pela Europa inteira. Estava vago o throno da Egreja. Havia já dois annos que morrêra Nicolau IV e os cardeaes, reunidos em Perugia,

não chegavam a um accôrdo quanto á escolha do novo pontifice. Porém, dum momento para outro, como si o Espirito Santo houvesse mais uma vez baixado do céo sobre a terra, afim de inspirar os homens transviados, o conclave banio as cogitações de ordem politica e abandonou os interesses pessoaes, elegendo, unanimemente, bispo de Roma e do Mundo christão o humilde sacerdote que vivia retirado no valle deserto de Morron, cuja maior gloria era não possuir nenhuma gloria humana.

Tres cardeaes vestidos de seda vermelha, montados em grandes mulas brancas com cannelos de prata e sellas pregueadas de ouro, precedidos de aureas cruzes que rodeavam o vexillo da Santa Sé, acompanhados de homem d'armas, cujas lanças scintillavam ao sol, penetraram no arido valle do solitario e vieram trazer-lhe a noticia da escolha. O santo, humildemente coberto pelo seu habito de estamenha esfar-

rapado, cahio de joelhos sobre as folhas seccas que lhe atapetavam a entrada da gruta e pedio algum tempo para responder si acceitava, ou não, depois de se reconfortar em mais profundas orações. Os cardeaes voltaram a Perugia, silenciosos e tristes.

Passaram-se mezes e S. Pedro não mandava a resposta, continuando a curar com a imposição de suas mãos santas os enfermos que o procuravam em Morron. O conclave escreveu cartas aos soberanos que mais directamente se interessavam pelos negocios da Egreja e que mais fortemente protegiam a Curia Romana: Carlos II de Anjou, rei de Napoles, e André III, o apostolico, rei da Hungria.

Ambos se puzeram a caminho para o retiro do santo homem. O primeiro deixou o seu castello dominador em frente da bahia azul de Parthenope e, galopando pelas estradas esburacadas, que desde os romanos ninguem mais

concertava nem conservava, á frente dum sequito faulhante de armas, veio até Roma. Dahi se dirigio a Perugia e de lá, acompanhado por alguns cardeaes, foi um dia ajoelhar-se á porta da caverna do ermitão. São Pedro Celestino appareceu. O seu rosto emaciado não trahia a menor emoção. Ajoelhou-se junto ao soberano, dizendo:

— Rendamos graças a Deus, senhor!

Depois, o rei de Napoles supplicou-lhe que acceitasse a tiara, para salvar o Mundo duma guerra, para salvar a Egreja dum scisma. Não tardaria que um imperador allemão proclamasse na Lombardia um anti-papa. São Pedro humildemente pedio mais algum tempo para responder. Precisava uma inspiração do céo. E o nobre e poderoso Carlos de Anjou tornou com tristeza e desalento ao seu reino.

André III partiu de Offen, remontou o Danubio até Vienna, atravessou

o ducado da Austria e embarcou na cidade livre de Fiume, numa grande nau de guerra, com destino ao velho porto de Adria, de onde se dirigio a Perugia. Uma clara manhã foi, pomposamente rodeado de cardeaes e fidalgos, ajoelhar-se no mesmo logar onde se ajoelhára o soberano de Napoles. E São Pedro Celestino, depois de orar em sua companhia, deu-lhe a mesma resposta. André da Hungria voltou aos seus Estados, profundamente desconsolado.

Passou-se mais algum tempo e, um dia, um pobre seareiro veio dizer aos cardeaes, ainda ansiosamente reunidos em Perugia, que o santo eremita lhes mandava prevenir que, na manhã da festa de São João, seu padroeiro, estaria em Roma, para ser corôado Papa e governar as consciencias da vasta grei catholica e apostolica.

No dia marcado, todo o povo de Roma encheu a via Appia, por onde

se esperava viesse o grande Santo. Os velhos lageados romanos fôram cobertos de flôres, e em todas as mãos dos homens e mulheres do povo ondulavam ramos de oliveira. Os barões feudaes abriram as prisões dos castellos e dispensaram o trabalho dos villões. O governador da cidade promulgou o perdão dos criminosos foragidos que a elle se apresentassem. E os escabinos e prebostes prepararam fontes para dar vinho á populaça, á noite, na grande praça de S. João de Latrão.

A manhã estava linda. A gloria luminosa do sól cobria a cidade e a campanha vasta, onde entre a verdura dos prados alumiavam aguas quietas. Matteo e a mulher fôram beijar o filhinho entrevado, para irem á via Appia, ao pé do tumulo de Cecilia Metella, vêr a chegada do Santo Papa, quando o menino lhes pedio com a voz cheia da tristeza de onze annos passados sem

movimento e sem alegria, num catre, ao canto duma sala escura:

— Levem-me a vêr o santo, pelo amor de Deus!

E, commovidos, apressados, os paes o envolveram num velho manto, para o levarem. A mãe disse:

— Meu filhinho, tu te vais cansar sem proveito e cansar-nos a nós tambem, como na festa dos loucos, a que por força quizeste assistir.

— Mamãe, tornou o infeliz, eu gosto tanto do sól, eu gosto tanto de vêr muita gente!

Matteo carregou-o e os três partiram para a via Appia, onde se puzeram, entre seareiros e artezãos, á sombra do grande tumulo, esperando São Pedro Celestino. Por volta de onze horas, quando o sól começava a aquecer mais a terra, a multidão que bordava a estrada antiga agitou delirantemente os ramos verdes. O solitario de Morron apparecia ao longe. Vinha

só e humilde como sempre, vestido com o velho habito de estamenha remendado, montando um pequeno burro manso, a cabeça núa exposta ao sól. O enthusiasmo de toda a gente que o esperava tocou ao auge. Era um continuo vozear de acclamações, um continuo agitar de sombreiros, de gôrros e de palmas. E o santo baixava a cabeça, silencioso, envergonhado, como si não merecesse aquellas manifestações de prazer e de admiração. Lentamente, percorreu a velha via latina, na direcção da Cidade Eterna. Todos os que o esperavam foram-n'o acompanhando, em grupos. A' frente delles ia Matteo, seguido da mulher, levando nos braços o filhinho entrevado. E a toda a população de Roma parecia que um novo Christo entrava em Jerusalém.

Na porta da cidade, o Sacro Collegio, os barões, os edis, os embaixadores de Napoles, de Florença, da Hun-

gria, da França, de Aragão, de Castella e do Cesar tudesco, os capitães e os abbades, os corregedores e os clerigos, esperavam Sua Santidade. O Papa apeou-se da cavalgadura humilde e entrou no circulo solemne e rico das autoridades e da nobreza secular e ecclesiastica.

A' frente da arraia-miuda, que em derredor se comprimia, mantida á distancia pelos piqueiros e archeiros, achava-se o casal humilde de camponezes com o filhinho doente. Um soldado approximou-se delles com o burrinho pela arreata. A criança disse para o pae:

— Meu pae, para descançar os vossos braços fatigados, ponde-me um momento sobre a sella de São Pedro!

O pae, olhando receiosamente o homem de armas, em cujo peito rebrilhavam as chaves de ouro da Santa Sé, não respondeu e nada fez. O menino tornou, com segurança:

— Sentai-me lá, meu pae, sem o menor medo. Ha uma voz intima que me diz que assim deveis praticar.

Matteo olhou outra vez o soldado. Elle dava as costas, indifferente. Então, pôz de repente o filho sobre a albarda pregueada em que São Pedro Celestino viajara. Logo, o menino gritou:

— Meu pae! meu pae! eu posso mover minhas pernas!

E, desembaraçando-se das mãos paternas, que o seguravam, pulou sósinho no sólo entre o espanto do poviléo e correu para o grupo dos cardeaes e dos nobres, no meio do qual o ermitão humilde recebia os cumprimentos de bôa vinda. Toda a gente gritava:

— Milagre! Milagre! viva São Pedro Celestino! Viva!

Os dois camponezes com os olhos cheios de lagrimas, cahiram de joelhos. Todos seguiram o seu exemplo, mesmo os cardeaes com os pluviaes de sêda

carmezim, mesmo os soldados com os coxotes de aço, mesmo os nobres com as bragas de velludo abrochado de oiro. A criança ajoelhou-se aos pés do Santo, levantando e cravando nelle os luminosos olhos azues, que sorriam de gratidão. Elle pôz as mãos descarnadas sobre os cabellos louros e disse-lhe:

— Deus te abençôe, meu filho!

Pouco a pouco, todos se fôram levantando. E, quando todos estavam de pé, São Pedro Celestino ajoelhou na terra dura, bateu tres vezes no peito, com humildade, e exclamou:

— Eu não fiz milagre algum, nem tenho meritos para fazel-os. Foi Deus que, por sua infinita misericordia, resolveu realizal-o. E vêde que me achou com tão pouco valor, para ser seu intermediario, que preferiu o meu burro, menos peccador do que eu!

O BARRIL DE LAGRIMAS

O velho Cuthberto, que vivia como eremita, em piedosas orações e em rudes trabalhos, ao pé duma falesia voltada para o poente, deante do mar revolto da Bretanha, vio uma manhã, com infinita surpreza, caminhar para a sua caverna, pela praia clara, um cortejo senhorial. Sobre o capello de aço dos cavalleiros tremulia um pendão côr de treva com um castello de oiro plantado ao meio. O eremita, que fôra em tempos idos troveiro de bom e de máu trovar, e frequentara os castellos da redondeza nos dias de festas, conheceu logo a signa heraldica do senhor Gil de Ellen, o mais forte e o mais terrivel castellão do Occidente. E placidamente esperou o brilhante

grupo á porta da gruta miseravel. Elle sabia que o senhor de Ellen era o maior ladrão feudal da Bretanha, que á frente de sua hoste saqueava burgos e capellanias, que se apoderava nas estradas do oiro dos viajantes e das récovas de machos carregados dos bufarinheiros. Sabia mais que, nos lobregos subterraneos do seu castello forte, se applicavam as maiores torturas aos que não descobriam logo onde haviam escondido seus thezouros e se estrangulavam, na calada da noite, aquelles de cujas riquezas já o senhor se apoderára. E tambem sabia das violencias que commettia contra donas de alta linhagem e simples mulheres do povo, e das profanidades que praticava nas egrejas e nos mosteiros.

Todas as manhãs, depois das orações habituaes, ficava de joelhos muito tempo sobre o cascalho grosso da praia, pedindo a Deus se amerceasse dos homens e nesse dia fizesse com que o

barbaro ladrão feudal não commettesse nenhuma tropelia e nenhum crime. Todas as tardes, do mesmo modo supplicava a Deus abrandasse o duro coração do terrivel criminoso e salvasselhe a alma pelo arrependimento.

Gil de Ellen, rodeado por oito cavalleiros armados de ponto em branco, deteve o corcél de guerra enxairelado de oiro á moirisca deante do eremita. Um escudeiro logo lhe segurou o estribo e elle apeou-se de cabeça descoberta. Fez brusco signal com a mão e todos se afastaram, levando o cavallo pela rédea atauxiada. Ficou frente a frente do velho Cuthberto e disse-lhe:

— Santo homem, deu-me esta manhã uma vontade insopitavel de vir até vossa furna confessar-vos os meus peccados. Aqui estou!

Apezar do tom orgulhoso com que falava, do gésto aggressivo e insolente, o santo homem sentio naquelle fei-

to a mão omnipotente do Senhor e respondeu-lhe num contentamento que não pôde esconder:

— Obra de Deus, meu senhor! Obra de Deus! Ajoelhai-vos e eu vos ouvirei em confissão. Deus perdôa tudo...

— Aqui não! interrompeu o castellão orgulhoso. Alli estão os homens d'armas que me veriam nessa humilde apostura. Entremos na caverna.

Guiado pelo ermitão, penetrou na gruta, curvando a alta estatura. Sob os sapatos de ferro a areia grossa gemia. E as gôttas de humidade que cahiam do alto batiam uma a uma nas hombreiras de aço. Errava no ar denso e humido um cheiro acre de lôdo e de peixe morto. A um canto, havia grosso molho de palha e uma pedra lisa. Era a cama do solitario. Este sentou-se sobre a pedra e, indicando a palha ao fidalgo, falou:

— Ajoelhai-vos, senhor.

— Não me podeis ouvir de pé? perguntou o orgulhoso.

— Não.

Então, lentamente se ajoelhou. O velho traçou no ar o signal da cruz e elle começou a narrar os seus crimes: matára, torturára, roubára, enganára, atraiçoára, violára, profanára ! Uma feita, arrancára do tumulo o esqueleto dum inimigo e o atirára num bostal !

Cuthberto ouvio-o com serena attenção. Perguntou-lhe, depois, si se arrependia.

— Sim, murmurou o peccador, dando de hombros.

—Então, deveis penitenciar-vos, para obterdes o perdão de Deus. Ide de vosso castello a Jerusalém, descalço, esmolando pelo caminho, salvando os que correrem perigos, auxiliando os que carecerem de auxilio, e voltai da mesma maneira.

O barão pôz-se de pé, violentamente. Replicou com aspereza:

— Nunca!

Não querendo perder aquella alma empedernida, o ancião propôz outra penitencia:

— Ide daqui a Roma e pedi vosso perdão á sua santidade o Papa, caminhando de joelhos desde a porta da egreja de Latrão até o pé do altar-mór.

— De joelhos deante dos italianos? Nunca?

— Vinde viver commigo algum tempo, passando as privações que passo, rezando as horas que rezo. Um anno só desta vida e sereis perdoado.

— Para que riam os meus acostados, para que saibam os vizinhos, meus inimigos? Nunca!

Cuthberto levantou-se, dirigio-se a um canto da caverna, apanhou no chão o barrilête em que bebia agua, entregou-o ao cavalleiro e disse-lhe:

— Levai-o, senhor, e quando o puderdes encher de agua, Deus vos perdoará.

Gil de Ellen sahio apressado, montou a cavallo e partio a galope com os companheiros.

Era só encontrar uma pôça de agua e salvar a alma! O eremita ficou de joelhos, rezando pela sua salvação, á entrada da furna, emquanto o sól brincava nos capacêtes dos cavalleiros, que pouco a pouco se afastavam na estensão luminosa da praia. E o oceano verde, espumejante, continuava a corroer a falesia alta com a sua teimosia eterna.

Adeante das rochas, quando a terra ficou ao mesmo nivel da praia e tufos de arvorêdo surgiram por traz da linha ondulada das areias, havia um pouco de agua esquecida no solo pelas ultimas chuvas. O cavalleiro parou o galope, pulou da sella e nella metteu, apressadamente o barrilête. Retirou-o vasio! Segunda e terceira vezes repetio o acto. Sempre sahia vasio de dentro daquella agua encantada! Mordeu os labios de despeito e de raiva.

Teve impetos de voltar atráz, derrubar o solitario com um brusco empurrão e riscar-lhe a cara com as esporas.

Mas uma força invencivel impellia-o para a frente. Tornou a montar e a galopar. Ao pé de arvores açoitadas de vento, das pedras desiguaes duma ribanceira brotava um fio de agua crystallina e cantante, que cahia sobre hervanços floridos e dava grande frescura ao logar. Um dos homens d'armas, o cavalheiro de Saint-Malô, que já vivêra com o arcebispo de Laval e sabia latim, murmurou:

— "Aqua virgo; aqua felice!"

Gil de Ellen saltou da sella moirisca. Os sapatos de ferro esmagaram as hervas molhadas.

Sua mão pôz sob o fio claro da fonte o barrilzinho do velho. A agua atravessou-o, como se fôsse furado! Mirou-o, cuidadosamente. Estava perfeito. Tornou a collocal-o debaixo da bica. O fio liquido varava-o de lado

a lado ! Então, assombrado e já com a obsessão de enchêl-o, montou de novo e galopou mais velozmente para deante.

Um rio largo deteve-lhe a marcha. Na sua fóz rumorosa, aves marinhas revoavam, gritando. Um grande barco derivava pela correnteza abaixo, muito negro, com vultos de homens agarrados á canna do leme, sobre o chapitéu da pôpa. Emquanto os companheiros procuravam o passador, foi a pé até a beira da correnteza e enfiou o barril na agua barrenta. Tirou-o vasio ! Não repetio o gesto. Furioso, correu para o mar. Entrou nas ondas, apezar dos coxotes e das grévas de aço, até a cintura.

E não conseguio encher a vasilha cruel ! A agua do mar fugia de dentro della como tinham fugido a agua da pôça, a agua da fonte e a agua do rio ! Sahio. Subio o declive da praia, lentamente, resfolegando, e não en-

controu mais á margem do rio os cavalleiros nem o cavallo. Chamou-os:

— Guido! Yan! Saint Malô! Gilberto!

Ninguem lhe respondeu. Caminhou para o interior das terras de cabeça alevantada. Atravessou pantanaes e landes, florestas e charnécas. Passou por povoações e cidades desconhecidas. Foi, assim, de déo em déo, sem conhecer ninguem, gastando os ducados de oiro da escarcélla. Abandonou a armadura pesada numa volta de estrada. E, sem esporas de cavalleiro, sem sapatos e sem armas, mal coberto com a loriga de coiro e as bragas de lã grossa, começou a peregrinar em busca do castello. A todo o mundo perguntava o caminho de Ellen. Ninguem o conhecia. Insistia. Dizia-se o seu senhor feudal. Então, encolhiam hombros e julgavam-n'o louco. Um seareiro, á beira do seu campo, pergun-

tou-lhe uma tarde onde ficava esse castello.

— Na Bretanha.

Onde é a Bretanha ? indagou o homem. E elle mergulhou silencioso e triste no crepusculo que cahia. Outra vêz, á noite, quando as estrellas luziam no céu negro, um pastor que o albergára tambem lhe perguntou onde ficava esse castello.

— Na Bretanha.

O zagal sorrio, disse que devia ser muito longe, muito longe, para os lados do norte, muito ao norte.

E elle, levantando os olhos para os luzeiros do céu, notou que nunca vira aquellas combinações e fórmas que elles alli lhe apresentavam. Uma estrella maior luzia entre todas. O pegureiro apontou-a:

— Foi aquella que guiou ao presepio de Belém os tres reis magos.

Sempre a procurando com a vista ávida, nas noites profundas, o fidalgo

bretão caminhou, mendigando, trabalhando aqui, alli, nas granjas e nas herdades, soffrendo máus tratos e chacótas, atravessando terras ignotas, pelo meio de povos, cujas linguas não entendia e cujos costumes nunca suspeitára.

Andou muito e soffreu mais ainda. Um dia, com o sól a pino, desceu a encosta dum serro plantado de oliveiras. E dalli avistou uma planicie arida, montes azues no horizonte, camellos caminhando pelas estradas êrmas, e, no alto dum comoro nú, os muros ameiados duma cidade, por traz dos quaes surgiam torres esguias e palmeiras que o vento agitava. Horas depois, entrava em Jerusalem. Prosternou-se junto ao tumulo de Christo, pedio-lhe perdão dos seus peccados. Depois, foi á fonte da Virgem Maria, cuja agua era milagrosa. Debaixo della deixou ficar, durante todo o tempo que orou, o barril que lhe déra o solitario e que até

então procurára encher, sem o conseguir, em todos os ribeiros, em todos os rios e em todos os mares da terra. Quando se levantou, retirou-o.

Continuava impiedosamente vasio!

Nesse dia, os infieis atacaram a cidade santa.

Elle pedio armas e defendeu os muros junto com os cruzados, heroicamente. Rolou ferido duma quadrella abaixo. O sangue corria da côxa varada por um garruxão. Talvez lhe enchesse o barril do arrependimento. Tirou-o do pescoço, onde o trazia dependurado por um cordél, e pôl-o sob á ferida que sangrava. Continuou implacavelmente vasio! Os infieis tomaram a cidade e fizeram-no prisioneiro. Foi, depois de curado, levado para o captiveiro em Tripoli, onde o puzeram a trabalhar, sob o chicóte, nas plantações de trigo. E um dia, quando fatigado de máus tratos e de trabalhos, sentia correr-lhe no grabato on-

de penava, enfermo, o suor da agonia, quiz com elle encher o barrilête. Nada conseguio! Recobrou á saúde. Evadio-se. Perlustrou areiaes inhospitos até alcançar a costa, fugindo das féras. Escondeu-se num navio que fazia aguada e esperou. Era uma tartana argelina que partia para Tanger. Levantou ferro ao escurecer. Pela manhã os tripulantes, o descobriram e, sem piedade, o lançaram ao mar. As ondas levaram-n'o até uma praia arenosa, onde pescadores compadecidos o recolheram e o trataram.

Restabelecido, seguio a sua vida errante, salvando vidas pelos caminhos, ajudando a desatolar as carroças, defendendo as mulheres ameaçadas, repartindo o pão da miseria com os que nem isso tinham.

Estava velho e enfraquecido, doente e esfarrapado, verdadeiramente irreconhecivel, mas ainda procurava a Bretanha e, felizmente, já achava gen-

te que tinha ouvido fallar della, gente que nella tinha passado, gente que lhe indicava o caminho. E, assim, caminhando, caminhando, começou a encontrar matas e aguas conhecidas, de repente se vendo defronte de sua honra solarenga, em cuja torre senhorial ondeava no ar a flammula com o seu brazão: o castello de oiro em campo de sable. Com um brado de alegria, deitou a correr ladeira a cima e chegou offegante ao pé da levadiça. Perguntaram-lhe o que queria. Falou, alvoroçado:

— Sou o barão Gil de Ellen, vosso amo. Venho da Palestina. Deixai-me entrar e chamai o meu filho, vosso amo! Respondeu-lhe sonora gargalhada. Pagens e besteiros vaiavam-n'o. O seu filho, um rapaz, alto e forte, surgio, trazendo á tréla dois dógues cinzentos, que, a rir, soltou e açulou contra elle. E o orgulhoso senhor Gil de Ellen, taxado de louco, foi a ladri-

dos de cães e a apupos de servos escorraçado do terreiro do seu proprio solar!

Vadeou corregos e palmilhou terras até chegar ao pé da falesia que o oceano beijava e lentamente destruia. O velho Cuthberto esperava-o, tranquillamente, de pé, á entrada da gruta. Só então o senhor de Ellen comprehendeu a enormidade dos seus crimes e a grandeza da pena que lhe fôra imposta por inilludivel mandado divino. Todo o orgulho do seu coração se fundio ao calor de profundo e sincero arrependimento. Elle correu para o solitario e cahio-lhe aos pés, de joelhos, chorando. O eremita pousou-lhe sobre a cabeça branca as mãos descarnadas. O barril, desprendendo-se do cordél que o ligava ao pescoço do peccador, tombou sobre a areia. As lagrimas quentes do barão, as primeiras que derramava na vida, gottejaram lá dentro. E logo cresceram, cresceram, avo-

lumaram-se e vieram até ás bordas, enchendo-o completamente !

Cuthberto falou sereno e satisfeito:

— Encheste de agua, da agua do soffrimento e do remorso, que é a mais pura de todas, o barril que te dei. Estás perdoado por Deus, meu filho !

A CEGUEIRA DO POETA

Theobaldo de Vernon, conego da cathedral de Ruão, passava o tempo na sua cella caiada, estudando velhos pergaminhos e compondo livros. Sómente dois deveres preoccupavam o seu espirito tranquillo e claro: o serviço religioso do Senhor e o prazer admiravel da arte. Ainda a Sé da sua cidade não era, nesse seculo em que vivia, o decimo primeiro desde o nascimento de Jesus, a renda gothica de pedra cinzelada que até hoje domina a capital da Normandia; mas sim nobre, simples e grave basilica romana, cuja graça severa, cuja medida e cuja clareza se podiam comparar ás das obras que escrevia o artista religioso.

Theobaldo fizera, num grosso in-folio, a vida admiravel de Santo Aleixo, que outro artista illustrára, pacientemente, de miniaturas maravilhosas. Sua inspiração tambem se manifestava em poesias cheias de intima ternura dentro da impeccavel correcção da fórma, nas quaes nem o espirito sobrelevava ao coração, nem o coração ao espirito, e ambos se manifestavam de egual maneira. Mesmo, ás vezes, compunha, para uso do povo, nas suas festas, em rythmo alegre, canções agradaveis e brejeiras. Estava certo de que a alegria é um dos maiores dons do Senhor e que os seus representantes na terra, onde a dôr é soberana, não devem perder occasião de incentivar o riso.

Elle era celebre entre todos os clerigos da Normandia pelo saber e pela bondade. E até mesmo o papa escrevera a seu respeito ao bispo de Ruão, elogiando a diocese por possuir um sa-

cerdote de tão respeitavel sapiencia, que traduzira de velho latim em bom francez a vida de S. Wandrillo.

Ora, entre todos os santos da côrte celeste, o poeta distinguia, nas suas devoções, o milagroso S. Wolfram, apostolo da Frisia, cujas reliquias um duque da Normandia mandára guardar num cofre de preciosa madeira, com pedras preciosas incrustadas em guarnições de precioso metal, e collocar sobre um dos altares lateraes da cathedral de Ruão.

Sempre que Theobaldo vinha á egreja dizer missa, ou orar, não esquecia de ir ajoelhar-se deante do velho relicario. E, depois de ter rezado o rosario, approximava o rosto pallido do cofre rico e lia, lentamente, a simples inscripção gravada numa grossa lamina de prata e que já sabia de cór: "Aqui jazem de S. Wolfram, martyr bemaventurado, alguns dos ossos e um pedaço do manto".

Depois, levantava-se e partia, mas da porta da egreja ainda se voltava e olhava pela ultima vez para o relicario do seu padroeiro.

Os annos fôram transcorrendo e Theobaldo de Vernon passava dias inteiros curvado sobre a alta escrivaninha, de pé, molhando a grossa penna de pato no tinteiro de chifre, e traçando no pergaminho historias de santos, ou cantigas populares. Não passeava, não se divertia, não se occupava mesmo de outra cousa qualquer. Só vivia, só respirava, só tinha animo para escrever. Envelhecia, vivendo assim, mais do que os annos que de verdade tinha. E já de cabeça inteiramente branca e face enrugada, resolvera escrever toda a longa vida cheia de milagres e bôas obras de S. Wolfram, seu santo preferido.

Poz-se resolutamente ao trabalho e, diariamente, visitava o relicario da cathedral, lendo a curta inscripção da

lamina de prata, que sabia de cór. Porém dia a dia foi enfraquecendo. Sentia profundas e prolongadas dores de cabeça. A's vezes, lhe vinha um esmorecimento e ficava de bruços, quasi desmaiado, sobre a escrevaninha, com o rosto em cima da tinta do pergaminho, até que outro clerigo viesse despertal-o, dar-lhe um copo de vinho generoso, que mal tocava com os labios. Pouco dormia e comia muito pouco. Tinha tonteiras tambem. E, em muitas occasiões, como que lhe faltava completamente a vista, parecendo-lhe que uma porção de moscas de oiro revoavam-lhe deante dos olhos, na escuridão.

Uma manhã, acordou aos gritos na cella simples e caiada. Os outros conegos correram para lá e encontraram-no sentado á beira do leito, de olhos desmesuradamente abertos e pregados no vacuo, apertando a nuca com as mãos. Sentia uma dôr aguda, como de punha-

lada, no pescoço. Uma dôr horrivel! Escondendo o rosto no peito dum dos companheiros, que o abraçava, gemeu desolado:

— Estou cégo! Estou cégo!

Estava, com effeito, cégo, inteiramente cégo, lamentando não a cegueira, mas o facto della o impedir de acabar a vida de S. Wolfram. Mal saltava do leito e enfiava o habito, ás tontas, ajudado por um noviço, logo se punha de cotovellos fincados no rebordo da escrevaninha, os olhos mortos perdidos no ar, meditando na sua infinita desgraça, as mãos errantes, tacteando os calamos abandonados, alizando a face meia escripta da ultima folha de pergaminho em que lançava em cursivo largo e bello os feitos milagrosos do apostolo dos frisões. E lagrimas grossas, uma a uma, rolavam devagarinho pelas faces murchas e côr de cêra.

A's vezes, olhando-o nessa posição, os companheiros choravam tambem,

com pena do seu soffrimento. E só lhe illuminava a face entristecida um riso fugaz quando um delles, tomando de antiga viola de troveiro, cantava com emoção as trovas alegres que escrevera para o povo.

O bispo de Ruão interessou-se pela sorte do autor da "Vida de S. Wandrillo", o cabido da Sé votou uma somma para se contractarem medicos experientes que lhe restituissem a vista roubada no trabalho, pela chamma oscillante da candeia, a cuja luz escrevia, diariamente, até alta madrugada.

Mandaram-se procurar physicos respeitaveis na Westphalia e na Lombardia, no Languedoc e nas abbadias inglezas. Nenhum lhe deu melhoras. Até mesmo o bispo consentio que o visse e tratasse cerca de um mez um astrologo asturiano, accusado de magia negra, que se dizia arabe e versado em todas as sciencias. Tambem de nada

servio. Perdeu-se, com esta, a ultima esperança de todos. Havia já um anno que o poeta cegára e elle mesmo um dia disse aos companheiros, com immensa resignação, que não tinha mais geito a sua cegueira e que só um milagre de S. Wolfram permittiria que acabasse o livro da sua vida, havia tanto tempo parado.

No dia da festa de todos os santos, Theobaldo foi á egreja como costumava, mesmo após a cegueira, e ouvio, recolhidamente, a missa. Depois, pedio ao noviço que o guiava para leval-o até o altar lateral sobre que repousava o relicario de S. Wolfram. Caminhou, lentamente, para lá, arrastando os passos. Quando o guia lhe disse estarem em frente ao cofre precioso, cahio de joelhos, orando fervorosamente. Acabando de rezar, as mãos incertas procuraram o relicario até o sentirem. Então, approximando delle o rosto, como num esforço para

distinguir a inscripção gravada na lamina de prata, quiz recital-a de cór como outróra: "Aqui jazem... aqui jazem..." Esquecera-a com o soffrimento. Lagrimas encheram-lhe os olhos mortos e gemeu baixinho:

— Meu Santo, dai-me a memoria de novo, para repetil-a, ou dai-me de novo a vista, para lêl-a e decoral-a!

De repente se poz de pé, fixou a placa de prata do relicario, leu em voz alta os dizeres: "Aqui jazem de S. Wolfram, martyr bemaventurado, os ossos e um pedaço do manto".

E gritou para os outros padres, para os fieis ajoelhados na nave e no transepto, sob as arcarias ornamentaes, para a egreja toda:

— Milagre! Milagre de S. Wolfram! Eu vejo! Eu vejo!

Todos o circularam, maravilhados, ajoelhando-se, e elle, chorando e rindo, affirmava que via a luz e os homens, as côres e as linhas, tudo, tudo, e tão

bem como antes de cégar! Depois, desmaiou. Transportaram-no á cella. Desde que voltou a si, continuou a escrever a vida do Santo que o salvára, até que um dia, entrando á tardinha na bibliotheca do cabido, um dos conegos da Sé encontrou Theobaldo adormecido de fadiga sobre a escrevaninha em que trabalhava. Foi acordal-o. Estava morto, com um placido sorriso nos labios. E a pagina sobre que morrera era a ultima da Vida de S. Wolfram.

A ESPADA INUTIL

Vatatzés, imperador de Byzancio, vivia, com escandalo da familia e do clero de sua doirada e maravilhosa capital, em completa mancebia com a celebre favorita, cujo nome infelizmente a historia não guardou e que os velhos chronistas do imperio grego appellidavam a Marqueza.

Ella era uma das aias, ou covilheiras, da princeza occidental com quem elle, por certas razões politicas, se casára. Tinha olhos negros como a noite e o corpo alvo como um lirio aberto. Logo que o autocrata sensual, aborrecido da esposa legitima, a relegou desdenhosamente para os aposentos mais retirados do gyneceu, a ardente e formosa Marqueza apoderou-se do

seu fraco coração e do seu debil espirito. E nada mais se fez de bom, ou de máu, no vasto imperio byzantino que não fôsse obra das inspirações e dos conselhos da impudente favorita.

Só uma cousa lhe fazia medo, lhe enchia de terrores vagos a alma apprehensiva naquelle faustoso palacio á margem do Bosphoro, onde tudo ella governava. Era um vulto de homem, sempre coberto com uma samarra escura, que encontrava ás vezes deslizando pelos corredores, silenciosamente. Os seus olhos ardentes fixavam-se nella como brazas que a queimassem. Os seus labios balbuciavam imprecações. Os seus passos rapidos fugiam della. E noites inteiras, revolvendo-se no leito sem poder dormir, a favorita pensava no odio que lhe devia ter aquelle homem.

Chamava-se elle Nicephoro Blemmydés, era um padre, um sabio e o preceptor do principe ora reinante.

Educara-o quando jovem. Tinha sobre elle grande influencia, que empallidecera deante do novo poder da Marqueza, e, por ter tido na sua mocidade um triste romance de amor, detestava todas as mulheres e especialmente aquella que prendia com os attractivos peccaminosos do seu corpo, levando-o para o mal, o soberano que elle formára para o bem.

Elle não era sómente um sabio. Sua vida austera e rude, sua simplicidade e sua caridade faziam que naquella rica morada imperial as intrigas não o alcançassem, e o respeitassem e o amassem todos, desde o ultimo ennucho até o Parakimoméne, os Stratigos, os Grandes Domesticos e todos os demais altos dignitarios da côrte. Sómente o principe começava a desconfiar delle, devido aos sussurros maldosos da amante, embora dia a dia crescesse a nomeada da sua bondade, embora

muita gente chegasse mesmo a affirmar que era santo.

Mas a influencia perversa da Marqueza cada dia lhe fez maior guerra. E, quando, numa prédica, que Nicephoro recitou na basilica de Santa Sophia, publicamente a tratou de "Rainha da Impudencia", ella exigio do soberano a expulsão do sacerdote, que com tanta crueldade a offendera. Blemmydés foi exilado, e durante muito tempo não se souberam noticias delle. A sua lembrança até já se apagava da memoria daquelles que o amavam, quando, no correr do anno de 1248, se soube, em Constantinopla, que fôra eleito abbade do grande e rico mosteiro de São Gregorio Thaumaturgo, em Epheso.

Mais ou menos nessa época, o basileus Vatatzés, acompanhado pela côrte, visitava algumas dioceses da Asia Menor. A favorita seguia-o, e a publicidade da sua união illicita não pro-

vocava mais o menor escandalo. Uma noite, a comitiva imperial chegou á velha cidade de Diana, então, transformada pelos piedosos successores de Constantino, o Grande, na cidade da Virgem. E, logo, na manhã seguinte, a Marqueza, levantando-se cêdo, foi ouvir missa na egreja do mosteiro mais proximo do paço do governador, onde estava hospedada com o seu imperial amante. Seguiam-na algumas aias e uma cohorte de espatharios cobertos de escamas doiradas, commandados pelo centurião Drimys, pessôa da maior confiança, tanto do imperador Vatatzés como da cortezã poderosa.

A Marqueza entrou na egreja e foi ajoelhar-se ao meio da nave, entre algumas mulheres que rezavam. Sob as amplas abobadas romanas havia uma meia luz lilaz e triste. Raios de sól leitosos entravam pelos vidros das janellas altas. E do altar vinha o lento

e monotono psalmodiar do officiante, cuja capa dourada de abbade reluzia de gemmas e de florões de oiro.

Quando elle se voltou para a assembléa e vio lanças de soldados á porta da egreja, os olhos faúlharam. Avançou para a nave e deu com a favorita ajoelhada. Ella se ergueu na sua presença, com um grito de espanto: era Nicephoro Blemmydés! E o abbade, majestosamente lhe apontando a porta, disse com energia:

— Fóra! Fóra daqui, impudica e venenosa, que vens polluir a casa do Senhor!

Houve um reboliço de espanto entre os presentes á scena.

— Quem é? Quem é? gritaram, ameaçadoramente, os fieis, homens e mulheres, de todos os lados.

— E' a mulher perdida, que se apoderou da alma do imperador, tornando-o injusto e máu, expulsando da camara conjugal a Despoina legitima.

E' a adultera, que merece ser apedrejada!

E o povo, em côro:

— Fóra! Fóra daqui a impudica!

As lanças dos espatharios agitavam-se nervosamente no ar. Os seus cenhos contrahiam-se de raiva. E, si não fôra a santidade do logar, as armas trucidariam o sacerdote audaz.

Lagrimas de vergonha e de dôr rolavam pelas faces da linda mulher. Esgotada pelo esforço que fazia para conter-se, ella recuava, cambaleando e murmurando:

— Oh! Deixai-me ouvir a missa! Deixai-me! Deixai-me!

Mas elle avançava sempre para ella, o braço estendido, a voz aspera trovejando:

— Fóra! Fóra daqui!

Drimys, afogueado e enraivecido, avançou para o abbade, segurou-lhe as barbas longas com a mão esquerda e levou a direita ao punho da espada.

Nicephoro ia pagar com a vida a sua audacia; porém, não perdeu a calma, cruzou os braços sobre o peito, onde a cruz de oiro reluzia, e continuou a bradar:

— Fóra! Fóra daqui!

Drimys quiz arrancar a espada da bainha para cortar-lhe o pescoço, mas não o pôde fazer, por maior esforço que empregasse. Largou-lhe as barbas e com as duas mãos, esforçadamente, puxou o gladio da bainha. Nada conseguio. Seus olhos assombrados sahiam fóra das orbitas, subitamente afundadas. A favorita já se retirava do templo, rodeada pelas companheiras; o povo dava gritos de protesto e sedição, cercando os soldados tremulos. E o centurião, desprendendo a inutil espada embainhada do cinturão grosso de couro atauxiado de prata, largou-a sobre as lages e fugio pela porta em fóra, arrepelando os cabellos e gritando:

— Perdão! Perdão!

MANUS DE COELO MISSA

A abbadia de Nossa Senhora de Calme, perto de Eygliers, na diocese de Gap, ficava situada numa lingua de terra, rodeada de arvores seculares, entre a alta rocha do Bouchet e as aguas prateadas do rio. Desde os primeiros tempos do christianismo triumphante nas Gallias, que alli se elevára uma ermida dedicada á Mãe do Salvador. Mais tarde, a protecção dos reis e os donativos dos senhores feudaes da vizinhança transformaram pouco a pouco a pequena capella numa egreja e, por fim, num convento rico, cujos abbadagios se estendiam longe, pela redondeza.

Mas a memoria de grande inundação que houvera naquella região,

antes da chegada dos romanos, ficára guardada nas lendas e canções do povo, que temia se repetisse o flagello, embora os seculos decorridos, destruindo o esplendido mosteiro elevado com tanto tempo, trabalho e sacrificio naquella formosa praia encravada entre o rochedo ingreme e o rio. E todos os habitantes mais precavidos construiam as casas nas alturas circumvizinhas, temendo ainda o acaso de nova inundação.

Além da rocha do Bouchet, alargavam-se vastas pastagens sombreadas de álamos viçosos, dum verde tão macio, tão avelludado que nellas era grato prazer demorar os olhos. E por alli pastavam os grande rebanhos de ovelhas mansas, guardados pelo cajado forte dos fortes pastores. Entre esses, um, o mais moço de todos, o pequeno Guilherme, que tinha quatorze annos e nascêra sem a mão esquerda, se distinguia pela profunda piedade de sua

crença. Emquanto os outros, durante as horas de sesta, jogavam dados sob as arvores, elle meditava nas santas historias, que, aos domingos, ouvia, na egreja abbacial, dos labios do prégador. A' hora das ave-marias, ou das matinas, recolhendo a carneirada, ou tangendo-a para o pastoreio, mal escutava o som distante dos sinos, vibrando no ar puro da manhã, ou na tristeza da tarde, cahia de joelhos sobre a herva do prado e, de olhos cerrados, contrictamente rezava.

Uma tarde, vinha tangendo as badanas e borregos, para o aprisco, por uma vereda sombria que a meia luz do crepusculo envolvia em leve gaze arroxeada, quando lhe pareceu que, entre elle e o rebanho, tambem caminhava alta e imprecisa figura. Entretanto, não devia de ser cousa má, porque os dois grandes rafeiros negros que o seguiam vinham de caudas murchas e orelhas baixas, os olhos respei-

tosamente pregados no chão. Com a escuridão da noite que se estendia, a grande figura se precisou, e elle vio, espantado, um rosto grave, emmoldurado de cabellos louros, sobre um busto de cujo dorso desciam, fechadas, duas grandes azas brancas. O resto do corpo perdia-se entre finos véos alvos ondulantes. Firmou os olhos na figura imponente, maravilhado. Ella se dissolveu no ar. Adeante, o alfeire caminhava unido, silenciosamente, e os cães levantavam a cabeça, sacudindo as orelhas e as caudas. Um sussurro dôce veio nas azas do vento vesperal:

— Eu sou um anjo do Senhor!

Nessa noite, o pastor Guilherme orou ardentemente para que o céo de novo lhe fizesse ver o vulto majestoso do seu mensageiro.

Dias depois, á mesma hora e da mesma maneira, o anjo lhe appareceu. Desta vez, falou, caminhando ao lado do zagal, com as brancas azas espal-

madas no ar e sem que o vento agitasse as dobras sumptuosas da tunica. E ordenou-lhe:

— Vae ao abbade do mosteiro de Calme dizer-lhe que constrúa nova abbadia no cimo do rochedo do Bouchet, mudando-se para lá com toda a communidade, porque vai haver grande inundação.

Guilherme escutava aquella voz musical, como em sonho, os olhos no chão. Quando a voz celeste se extinguio, ergueu a cabeça. A majestosa figura desapparecera; porém, um como rastilho de luz suave se estendia desde a terra até o céo estrellado, onde a face triste da lua mansamente surgia.

Mal fechou o rebanho no curral, o pastor correu para a abbadia, precipitou-se aos pés do velho abbade e contou-lhe tudo o que vira e ouvira.

O ancião passou-lhe os nodosos dedos, bondosamente, pela grenha aspera

e inculta, e disse, com infinita bondade:

— Foi um sonho que tiveste, embora acordado, meu filho. E não deves mais pensar nisso.

Passou uma semana e de novo o vulto do anjo caminhou ao lado do zagal, pelo mesmo arroxeado caminho de sempre, áquella hora lilaz do crepusculo. E disse-lhe:

— Guilherme, insiste em nome de Deus com o abbade. A inundação virá no dia de São José, logo depois do inverno proximo, e as aguas levarão o mosteiro.

Novamente, o pastor contou a sua aventura ao abbade e novamente este acariciou, bondosamente, os seus cabellos desalinhados, murmurando:

— Bemaventurados os pobres de espirito...

O outomno veio. As fôlhas das arvores cahiam e ficavam no chão, ao sol, em montes, avermelhando-se lenta-

mente, até que um dia o vento as levantava e tangia pelos campos, em rodamoinhos, como grandes azas palpitantes de borboletas mortas. E o anjo mais uma vez appareceu ao humilde Guilherme e lhe disse:

— Não quizeram por duas vezes acreditar na tua palavra e eu vou darte um signal do céo, para que nella acreditem.

Ergueu uma das suas mãos e alli naquelle apertado caminho, tendo como testemunhas os dois cães e as arvores desfolhadas, o mensageiro divino tocou o braço mutilado de Guilherme.

Luz muito forte encheu a mataria densa. Um trovão rolou ao longe. Uma como vertigem tonteou o zagal. Quando abrio os olhos nem os cães fieis estavam ao seu lado. Tinham seguido com as ovelhas para o aprisco. Um entorpecimento lhe endurecera o braço esquerdo. Palpou-o e sentio que tinha nova mão. Então, correu para o con-

vento e, mostrando-a ao abbade, nervosamente agitando os dedos, narrou-lhe o milagre. O velho ajoelhou-se deante delle, beijou-lhe a mão e disse:

— Meu filho, perdôa a minha cegueira! Deus falava pela tua bôcca e eu, empedernido pela incredulidade, não te acreditei. Perdôa-me, filho, em nome de Deus!

Durante o inverno, o abbade fez construir na alta rocha um convento provisorio, de madeira. E para lá se mudaram os freires, trazendo as alfaias e o thesouro da egreja. Quando o degelo veio e as aguas das torrentes engrossaram e se despenharam com força pelos valles abaixo, o rio cresceu mais do que no tempo dos druidas, levando para o mar os destroços da abbadia. As aguas espumejantes subiram quasi até o cume da rocha, onde os frades oravam na sua morada de madeira e os sinos repicavam em honra de São

José e em louvor daquelle salvamento miraculoso.

Guilherme passou a ser servidor do convento, viveu muitos annos, sendo enterrado, quando morreu, na nave da egreja. Contam que tempos depois, havendo necessidade de se cavar uma crypta, abriram a sepultura. Delle só encontraram os ossos, mas a mão que lhe fôra dada pelo céo estava intacta, fresca e rosada, como no dia em que o anjo lh'a puzera na extremidade mutilada do braço.

A TERRA DE NOSSO SENHOR

Hilario da Aquitania, bispo de Poitiers, brilhou pelo saber e pelas virtudes entre os homens, como uma estrella no manto negro do céo. E foi elle quem, á frente dos outros bispos das Gallias, combateu o arianismo do imperador Constantino, indigno descendente daquelle Grande Constantino que, erguendo nas mãos o lábaro crucigiado, disséra: "in hoc signo vinces".

Reza a tradição que o Papa Liberio, cognominado Leão, se achava nessa época á frente dos destinos da Egreja e procurava proteger a heresia imperial. Entretanto, forçado pelo clamor de clerigos e leigos, todos contrarios ás doutrinas de Arius, resolveu reunir um concilio, para estudar e ter-

minar a crise terrivel em que se debatia a christandade.

O Imperador permittio que o concilio se reunisse e o Anti-Papa o convocou. Santo Hilario a elle foi, decidido a atacar terrivelmente o arianismo. Porém, os bispos hereticos, que formavam a maioria da assembléa, temendo-lhe a acção, obtiveram de Constantino ordem para que o pastor de Poitiers se recolhesse á sua diocese gallicana.

Hilario embarcou em Livorno com destino a Marselha, numa galera genoveza. A falta de agua obrigou o seu capitão, durante a travessia, a arribar á ilha Gallibaria, famigerada pela alluvião de serpes venenosissimas que a infestavam. E nenhum marinheiro ousava saltar na praia, que fervilhava de cobras. Então, Hilario desembarcou, dirigio-se á fonte proxima, afastando-se as serpentes á sua passagem, respeitosamente, e junto ao claro fio de agua plantou no sólo o alto e nodoso cajado.

Todas as peçonhentas viboras se alongaram do caminho por elle percorrido e, desde a praia até onde o baculo se perfilava, nenhuma mais ousou apparecer.

Passado algum tempo, o Papa se deixou corromper ainda mais pela heresia perigosa de Arius. De novo, o rebanho christão murmurou descontente. E, de novo, o Imperador e o Santo Padre resolveram reunir um concilio; porém para elle não convidaram o bispo de Poitiers.

O synodo de principes da Egreja estava em sessão solenne na vasta nave abobadada da basilica de S. João de Latrão, quando Santo Hilario chegou ás suas grandes portas de bronze. Cada episcopo occupava alta sédia de castanho lavrado, com assento e espaldar de couro abrochado, pregueado com grandes pregos de cobre. E, ao fundo da ábside, o Papa estava no so-

lio pontificio, sobre elevado estrado todo forrado de damasco rôxo. Ao lado esquerdo, o camerlengo; ao lado direito, o procurador imperial; e os collateraes da egreja cheios de cancelarios, clerigos, protonotarios, altos dignitarios seculares, alguns tribunos e centuriões, descoifados, com as phaleras de metal reluzindo.

Santo Hilario avançou sósinho pelo meio da illustre e eminente assembléa, coberto com a mitra, envolto no pluvial singelo, a estola em volta do pescoço, as barbas brancas varrendo o peito largo e apoiando-se ao milagroso cajado. Avistando-o, o Papa pôz-se de pé e, depois de ter recommendado que ninguem lhe cedesse um assento, perguntou-lhe, enfuriado:

— E's Hilario, o Gaulez ?

O interpellado com voz suave e firme respondeu, corrigindo-o:

— Não sou Gaulez, porém bispo nas Gallias.

— Pois, si és bispo nas Gallias, continuou em tom enraivado o chefe do concilio, eu sou o Leão, bispo de Roma e supremo juiz da Egreja, sentado na cadeira apostolica de S. Pedro.

Hilario fitou-o calmamente e replicou com voz dôce, porém segura:

— Si és leão, não és o Leão da tribu de Judá; e, si és juiz, não distribues justiça da tua cadeira apostolica!

O Papa ergueu as mãos para anathematizal-o, mas uma dôr horrivel lhe varou o ventre, como se uma espada aquecida ao fogo lh'o traspassasse de lado a lado. Retirou-se da assembléa, dizendo voltar dentro em pouco tempo, para excommungar o bispo de Poitiers, prohibindo que lhe déssem uma sédia, porque achava que elle não estava á mesma altura dos outros alli reunidos. E Santo Hilario ficou de pé, serenamente, no meio da nave.

Quatro, ou cinco vezes, os protonotarios da Curia viraram as ampulhetas

e clepsydras, sem que o Papa tornasse do logar aonde apressadamente fôra. Hilario, fatigado da espera, olhou para o chão, e, depois, sobre as lages da egreja de Latrão, se assentou tranquillamente, dizendo para aquelles que, obedecendo ás ordens papaes, não lhe davam um assento:

— Sento-me pacientemente sobre a terra, porque a terra é de Nosso Senhor Jesus Christo, e porque devo ficar em posição inferior á vossa, meus irmãos.

Logo, os bispos arianos, collados por invisivel força aos seus logares, abriram olhos de profundo espanto. Um poder occulto erguia aquela parte do sólo em que se sentára o bispo de Poitiers, erguia-a lentamente, quasi insensivelmente. E, assim, a terra alli se foi alevantando a pouco e pouco, até que ficou, com Hilario sobre ella sentado, ao nivel das altas sédias episcopaes. Depois dum instante, continuou

a subir, a subir, e passou com o santo muito acima dos assentos lavrados, abrochados e pregueados dos membros daquelle concilio heretico.

Dignitarios, clerigos e militares cahiram de joelhos, persignando-se, nas lages dos collateraes. Os bispos todos, livres da força que os prendia ás cadeiras esculpidas, fugiram assombrados pelas portas que davam para o palacio papal e fôram encontrar miseravelmente morto, num cubiculo, ao fundo de extenso corredor, o supremo juiz! Sob a cupola da grande basilica sómente ficou em alta posição o bispo de Poitiers, sentado sobre o mouchão de terra que Deus elevára mais que as poltronas episcopaes. E uma extranha luz mysteriosa lhe envolvia a basta cabelleira branca.

Segundo o testemunho de São Jeronymo, nenhuma heresia jámais manchou a Santa Egreja Romana. A "Historia Ecclesiastica" e a "Tripartita"

não mencionam este grande milagre, acontecido no seculo IV da éra christã. No emtanto, o povo das Gallias sempre nelle acreditou e o bemaventurado arcebispo de Genova, que colleccionou todas as lendas de santos, não o esqueceu, porque nunca o esquecera o povo. *Vox populi, vox dei.*

INDICE

N. 1.678 — Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Bugrinha, romance, por Afranio Peixoto....	5$000
Ultimos Discursos e Conferencias, por Olavo Bilac...........................	5$000
Ensaio Historico sobre a Independencia, por Xavier Marques	4$000
Theatro... Meu e Alheio, por Medeiros e Albuquerque	4$000
Ensinar a Ensinar, por Afranio Peixoto.....	3$500
Prancha (A), peça em 3 actos por Veiga Miranda	5$000
Frechas, contos, por Coelho Netto..........	5$000
Esquecer... comedia em 3 actos, por Tobias Moscoso e outros	4$000
Sol Posto, versos, por Faria Neves Sobrinho.	3$000
No Limiar da Historia, por Assis Cintra.....	3$000
Oração á Santa Dorothéa, por Julia Lopes de Almeida	2$000
Dicionário dos Lusiadas, por Afranio Peixoto e Pedro A. Pinto	15$000
Camões e a Medicina ou a *Medicina dos Lusiadas*, por Afranio Peixoto	1$500
A Margem dos Lusiadas, por P. A. Pinto.....	5$000
A Camonologia ou os *Estudos Camonianos*, por Afranio Peixoto	2$000
Os Lusiadas, edi. revista por P. A. Pinto, enc.	3$500